

REVISTA

DE

EDUCAÇÃO

DA



Sociedade Amazonense
de Professores

DIRECTOR - L. BAUMANN

SUMMARIO

- | | |
|---|---|
| 1 — <i>Redacção.</i> | 8 — <i>Pela Instrucção Publica</i> — Redacção. |
| 2 — <i>Civilização Brasileira</i> — Dr. Pedro Calmon. | 9 — <i>Esparsas.</i> |
| 3 — <i>O Cooperativismo Escolar</i> — Carlos da Gama Junior. | 10 — <i>Analyse dos elementos economicos capazes de promover o soerguimento do Amazonas</i> — William W. Coêlho de Souza. |
| 4 — <i>Ligeiras notas de viagem</i> — Eunice Serrano Telles de Souza. | 11 — <i>A imprensa pernambucana e a nossa Revista.</i> |
| 5 — <i>Extinção da escravidão no Brasil</i> — Yara S. Sá Peixoto. | 12 — <i>Conselhos Hygienicos.</i> |
| 6 — <i>Palestra</i> — Brazilina Pedrosa. | 13 — <i>Notas geographicas da fronteira do Amazonas</i> — General Rondon. |
| 7 — <i>A estratosfera</i> — Manoel Bastos Lyra. | 14 — <i>Bibliotheca da S. A. P.</i> |

REDACÇÃO
Rua Luiz Antony, 68
MANAUS
AMAZONAS — BRASIL

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Assignatura annual. 5\$000
Porte annual \$500
Numero avulso . . . 1\$000
Numero atrasado. . 1\$500

550-39592
- 34055-

Paulista

Hoje, amanhã e sempre

ARTIGOS BONS

A preços sem competencia

TECIDOS, MODAS e MIUDEZAS

Novidades per todos os vapores

Rua da Installação, 1 e 3

ARMAZEM DE FERRAGENS

Nacionaes e Estrangeiras

MORAES CARNEIRO & Ca.

COMPLETO SORTIMENTO em

Louças esmaltadas de ferro fundido e batido, fogões, talheres, colheres de E. Plate, chapas para fogões e tudo concernente a este genero.

GRANDE DEPOSITO de

Tintas, vernizes, alcatrão, aguaraz, oleos, lonas, cobos de linho, manilha e do Cairo, amarrás de piassaba, ancoras, rifles, armas de caça e revolvers.

Preços sem competencia

Rua Marechal Deodoro, 16 - 18

Canto da Theodoro Souto

PAPELARIA

VELHO LINO

Livraria-Papelaria
Tipografia

MANAOS - Caixa Postal, 15-A - AMAZONAS

Encadernação, pautação,
carimbos, fabrica
de livros em branco.

End. Teleg. - VELHOLINO

Avenida 7 de Setembro, 99
e rua Barroso, 2

LINO AGUIAR

COLEGIO

"Conselheiro Ferreira Vianna"

Instalado no magnifico palacete da

AVENIDA EPAMINONDAS N.º 15

Sob a direção da normalista

BRANCA DO CARMO CHAVES

Inscrito na Diretoria Geral da
Instrução Publica.

ANNO III

REVISTA DE EDUCAÇÃO

NUMERO 13

DA

SOCIEDADE AMAZONENSE DE PROFESSORES

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

REDACÇÃO
Rua Luiz Antony, 65
MANAUS

MANAUS - Abril e Maio de 1934

DIRECTOR: - L. Baumann.

Assinatura annual . . . \$5000
Porte annual \$500
Numero avulso 15000
Numero atrasado 18500

EVIDENTE, para todos os que acompanham o magestoso evoluer da pedagogia, é a grande revolução que se vem manifestando nos variados modos de ensino de todas as disciplinas escolares.

A geographia não podia ficar inerte ante este movimento renovador.

E não ficou.

A reacção contra o archaico e condenado processo de ensino de summaria decoração de estalfante nomenclatura de ilhas, peninsulas, istmos e cabos, iniciou-se na culta Europa.

Não se circumscreveu nessa parte do mundo.

Ampliou suas lindes e, insatisfeita de seu dominio, galgou fóros de cidadania; disto utiana, atravessou o Atlantico.

Foi condignamente recebida na America.

Alevantados espiritos de homens cultos, acolheram com acolorado entusiasmo a novel idéa.

No Brasil, Delgado de Carvalho á frente.

F. Raja Gabaglia, Odilon Portinho, Othello Reis, Roberto Seidl, Figueira de Almeida e diversos outros professores de nomeada comprometteram-se a envidar o melhor de seus esforços para generalisar a technica moderna.

Conferencias e publicações fóram feitas, todas merecedoras dos mais eifusivos applausos.

E sob tão augusto patrocínio o Brasil inteiro ficou a par de que se devia, quanto

possível, diminuir as « memorisações estafantes » e ampliar os gabinetes geographicos.

Um, na razão inversa do outro.

Urgia pôr de lado as asphixiantes exigencias mnemonicas, para dar logar ao raciocínio.

* *

Os programmas das Escolas do Amazonas, sob taes effluvios, fóram modificados para melhor.

Principalmente na capital de nosso Estado, a dedicação de numerosas professoras venceu a quasi impenetravel barreira de possibilidade de progresso, creada pelo agravamento do preço dos livros e pela diminuição dos seus insufficientes honorarios.

Infelizmente a victoria não foi integral.

Não vem a pello a enunciação das razões.

E é com uma incontida manifestação de pesar que se observa que algumas professoras ainda mandam seus alumnos decorar os Limites do Brasil da vetusta Geographia de Joaquim Maria de Lacerda.

E tal exigem com rigores francamente antipedagogicos.

Aqui, o nosso appello ao nobre magisterio de nossa terra, para que se amenize os encargos das pequenas intelligencias que lhe fóram confiadas.

Basta um pouco de boa vontade para que se consiga o que todos nós desejamos: real progresso, baseado em solida educação do povo.

Civilização Brasileira

A conferência do prof. Pedro Calmon sobre o novo ensino da História do Brasil

Na «Semana da Educação», organizada pelo Departamento do Rio de Janeiro da Associação Brasileira de Educação, o prof. Pedro Calmon, deante do microphone da Radio Sociedade, assim falou, sobre o novo ensino da História do Brasil:

«Se a história é o retrato do paiz—convenhamos, nas escolas publicas bem triste caricatura do Brasil circula como se fôra a sua imagem e representação!

Ha cem annos, os nossos mestres ensinam ás gerações que despontam uma mentirosa e vaga historia brasileira cujo proposito parecia até a indisposição do rapaz com a materia, o seu enfado, a sua decepção, o seu desanimo. Incolor historia chronologica, mediocre historia onomastica, secca e esteril historia de governos, guerras, capitánias, leis, heroes e revoluções, catalogada pelos velhos chronistas como para fastio, descanto e afflicção de uma juventude enamorada de idéas e belleza... Historia sem alma, desfibrada da sua contextura viva, synthetizando em capitulos de almanach, em taboas de datas, em theorias de fantasmas a sua interpretação do passado—exterior, episodica, desinteressada historia entrançada sem verdade, engendrada sem sciencia, desenvolvida fóra desta realidade singela e forte que continuou mysteriosa e inexplicavel porque não coubera nos compendios e não entrára nos collegios... Por isso diziamos, os meninos de hontem, como ainda hoje dizem os meninos, repelindo certos estadistas... que o Brasil não tem historia e o que, com tal nome, nos impingem os programmas escolares, pouco merecia que lha estudassem. Entretanto, como é bella a tradição franceza! Como a historia ingleza é emocionante! Como os povos classicos tiveram historia-dores attraentes!

Devéras, não ha historia mais formosa que a da sua terra. O Brasil chegou, ao cabo de quatro seculos de uma evolução original, a um vasto progresso material. Perto de 50 milhões de homens possuem a mais consideravel extensão geographica deste nosso mundo. Conquistámol-a com a aliança das

raças cujas tintas o nosso arco-iris anthropologico misturou numa esplendida aurora nacional. Tomamol-a ás forças ferozes da natureza quando eramos uma tonta horda de portuguezes e sertanistas e a Europa ainda não sabia civilizar os tropicos. Ensinámos á Europa lições universaes. Ensinámo-lhes a colonizar os novos mundos. Inundámos dos nossos productos equinoaciaes os seus mercados enjoados de especiarias. Mostrámo-lhes que debaixo do equador ha climas estimulantes para a miscigenação fraternizante dos povos.

Transformámos o aventureiro europeu, o escravo congo e o tapuyo nomade num solido, atrevido, inquieto, sentimental e resignado brasileiro que rolou com as mãos de Atlas os padrões de Portugal das varzeas do Pará para as rampas do Roraima, das quédas do Tieté para os pendões dos Andes. Achámos numa paisagem cosmica, um chão selvagem, e, porque «em se plantando daria tudo», creámos a grande agricultura colonial com a lavoura importada. O assucar, o café, o cacáo... O Brasil não foi apenas um presente de Deus que a d. Manoel, o afortunado, Cabral offereceu numa manhã de abril: recebemos o continente virgem, e o fertilizámos. Disputámol-o ao indio, á floresta, á distancia; vencemol-o a braço; desentranhámos das suas montanhas remotas o ouro, fizemos produzir o seu litoral humido, utilizámos os seus rios hostis como estradas de penetração, repellimos o estrangeiro que nol-o arreatava, afirmámos uma superioridade humana formando-o—e é na historia dessa heroica formação que palpita o espirito do Brasil. Ha civilizações negativas, apassivadas num gozo manso de herança immemorial, estagnadas ou contemplativas. Ha civilizações positivas, elaboradas pela adaptação activa do homem ao meio subjugado, manejadas pela sua coragem, levadas ao hombro encosta acima pela sua energia muscular, civilizações que reproduzem o nosso cyclo agricola na labuta do desflorestamento, na festa da queimada, na agrura do roçado, na amenidade da sementeira, nos cuidados com a planta tenra, na luta diuturna com o matto inimigo, toda manhã expulso, toda tarde renascendo... Deste ultimo, é o typo da nossa civilização bem lidade. E' original a sua evolução, porque o povo a viveu embaraçado nas influencias ambientes; arrancando da bruta argilla a sua estatuaría

racial; escondendo o seu humilde drama de trabalho, de dôr e de victoria nos desertos silenciosos; trezentos annos ignorado, no recesso do nosso «inferno verde»; até que as nações o descobriram, quando um rei para cá se passou fugindo a outro rei, já estruturado o Brasil, com os seus limites actuaes, com a sua riqueza, com a sua physionomia... Ha por ahi mais linda e commovida historia do que esta—da civilização brasileira?

Não a ensinam ainda nas escolas; mas por força a ensinarão.

Não a historia espectral das nossas crises politicas; mas a historia animada das nossas fórmias sociaes. Não a abstracção dos sentimentos; mas a realidade humana. Não a sombra do edificio, a fumaça da fogueira, o resplendor do astro—que são effeitos; senão a origem, a natureza, a connexão—e as causas essenciaes. Historia de civilização,

não de civilidade; historia verdadeira, não convencional; historia sincera e scientifica, não literaria e polida, mas para justificar os dias feriados—inuteis epitomes infantis de numeros vermelhos de folhinha...—do que para entender a patria.

Para servir e amar ao Brasil, antes de tudo, teremos de conhecê-lo. Quando, nas escolas, a historia social substituir á declamada historia chronologica do Brasil, poderá elle contar com os homens que amanhecem e com a sociedade que ahi vem: porque então o amor instinctivo das massas—especie de amor compungido do filho melancolico á mãe pobre—se mudará em amor intelligente das massas—especie de amor encantado de filho entusiasta ao pae triumphador!

Este o papel—a responsabilidade—e o futuro—do ensino da historia do Brasil nas classes populares.»

O COOPERATIVISMO ESCOLAR

Palestra realizada na reunião do «Circulo de Pais e Professores» do Grupo Escolar «José Paranaçu», em Abril de 1934, pelo Prof. Carlos da Gama Junior.

A marcha avassaladora do cooperativismo no mundo inteiro, mostra, claramente, a excelencia de seus principios de ação coletiva.

O cooperativismo, na frase de um mestre, nada mais é do que a efetivação, no terreno economico, de uma das leis mais gerais que regem a sociedade humana ou simplesmente animal:—a associação.

Por meio de suas leis economicas que organizam a produção, e regulam a distribuição das riquezas em bases equitativas e racionais, este admiravel sistema economico-social, leva-nos a um conceito mais elevado da vida, e uma nova ordem de coisas em que as relações sociais (economicas, politicas e morais) quer entre individuos, como entre grupos de individuos e nações, não terão mais a cerceá-las, em breve tempo, o espirito de lucro sem freio e o egoismo sem par, desta época utilitaria que atravessamos, e sim os laços de um entendimento mutuo, colimando apenas a satisfação de necessidades humanas, não se afastando nunca das exigencias do consumo.

O principio essencial do cooperativismo é a solidariedade, é a união.

Nascido nos brumosos começos do seculo XIX, oriundo da imperativa necessidade de mutuo auxilio para opôr uma solida barragem ao regimen capitalistico de competição desenfreada, tendo como procurador o grande Fourier e como iniciadores de seu movimento em suas características vitais, 28 pobres tecelões ingleses de Rochdale, em 1844, estabelece êle, automaticamente, um novo regimen de justiça social e economica, apoderando-se coletiva e gradualmente dos meios de troca e produção beneficiando produtores e consumidores livremente associados.

Esta ação solidaria nas organizações cooperativas de produtores e consumidores para a defeza de interesses vitais, engendra novos métodos para a produção e circulação das riquezas, substitue o comercio privado em suas funções distribuidoras dentro de novos moldes, organiza a industria erguida em novo pedestal e dignifica as relações

financeiras sobre uma base de ajuda-mutua, humanidade e justiça.

Ha muito tempo que os paizes vanguardeiros da civilização moderna estão organizados cooperativamente, o que nos faz crer nas grandes virtudes da união, que é força invencível.

O cooperativismo liberta o produtor das garras rapaces do intermedio que lhe suga a melhor parte dos lucros que deveria auferir, estabelece pelos seus principios uma melhor organização técnica, aumentando assim a produção, de acôrdo com o consumo, aperfeiçoando os produtos, padronizando-os também e assegurando-lhes mercados compradores.

Dest'arte, êle controla esses mercados, o que ao produtor isolado é inteiramente impossível.

Ora, o cooperativismo expulsando o ganancioso intermediário, liga diretamente o produtor ao consumidor. Os lucros que distribue são apenas restituições de uma porcentagem cobrada a maior para as despesas gerais da cooperativa. Assim, essa devolução nada mais é do que o retorno, o reembolso de uma economia feita.

«A cooperativa não distribue os seus beneficios ao capital invertido na empreza, mas ao esforço proporcional que cada cooperador realizou em proveito da instituição», diz Ernesto Poisson, um dos luzeiros do cooperativismo moderno.

Portanto, o cooperativismo, facilita, racionaliza e aumenta a produção, o trabalho e as possibilidades de consumo.

E, o consumidor, finalmente, fica colocado em sua exata posição na esfera do consumo, «ultimo objetivo de toda a atividade economica».

* * *

Um illustre mestre do cooperativismo, D. Manoel P. Lopez, gerente da grande cooperativa argentina «El Hogar Obrero», frisando a diferença entre a sociedade cooperativa e a capitalística, disse:

«O trust maneja valores de troca, a cooperativa valores de uso.

«A cooperativa educa ao fazer do consumidor seu proprio produtor e elimina o antagonismo que existe entre o vendedor e o comprador.

«Moraliza, uma vez que não pode enganar.

«Torna altruistas os seus componentes, pois que terão interesse em aumentar o numero dos cooperadores para que gozem dos mesmos beneficios.

«Emancipa, ao fomentar a economia, devolvendo os lucros ou o excedente do preço cobrado, e ao exigir de cada cooperador sua parte para a contribuição social, tornando-o dono dos produtos que lhe são necessarios.

«Capacita, ao dar intervenção no manejo da sociedade aos cooperadores e ao selecionar para a direção os melhores.

«Democratiza, ao dar a todos os associados iguais direitos e deveres, e ao fazer compreender que o interesse da cooperativa é o mesmo que o dos consumidores e com êle se confunde, contrariamente ás sociedades ou entidades comerciais, cujos interesses são opostos aos dos consumidores.

«Estabelece a igualdade, ao dar um só voto ao associado e não em proporção ao seu capital.

«Defende a saúde, ao zelar a qualidade e pureza dos produtos.

«Defende o consumidor, contra a especulação, a fraude, os preços, a sugestão dos vendedores, etc.

«Defende o produtor contra os baixos preços, que a sua concorrência estabelece, contra a açambarcadore, etc.

«Faz da organização uma função social e economica, ao zelar os interesses de todos e de cada um dos produtores e consumidores, ao suprimir todos os intermediarios e atravessadores que o comercio utiliza com o seu sistema de corretores, commissarios, representantes, órgãos de reclamo, etc., e ao regularizar a produção com relação ao consumo evitando as crises periodicas por excesso ou escassez de produção, evitando as rivalidades comerciais, origem de tantas guerras, unificando e centralizando a administração, simplificando as compras, uniformizando tipos e qualidades, etc.

«Emfim, controla as industrias, impedindo o desenvolvimento das que, dedicadas a produtos do vicio e da fraude, malbaratam energias humanas e propagam o alcoolismo e outras misérias sociais.»

Pelo que acabo de expor, podeis bem avaliar as bonissimas vantagens que o Cooperativismo nos oferece.

* * *

Um sistema como esse que apresenta tão relevantes perspectivas de trabalho e concordia, calou profundamente no espirito daquêles que têm a nobre e fatigante tarefa de encaminhar nas acidentadas trilhas da vida moderna esses pequenos seres, que constituem a mocidade escolar, de hoje, e os cidadãos de amanhã.

Uma das modalidades características da Escola Nova, é a importancia que nela se dá, ao desenvolvimento da iniciativa e ao cooperativismo, qualidades estas imprescindiveis a uma bem equilibrada atuação no meio social. Esse espirito novo da pedagogia moderna transforma a escola em um nucleo de dinamismo e aperfeiçoamento de aptidões físicas, moraes e intelectuais, reveladas no trato quotidiano. E, assim, o ensino moderno tomando por centro a creança autonoma e de iniciativa, porém, solidario, ao mesmo tempo, com seus pares, teve de crear um ambiente favoravel ao citado desenvolvimento.

Em consequencia, natural e inflexivelmente, fez-se sentir a falta de uma agremiação que baseada nos preceitos desse espirito novo, se transformasse naquele meio almejado.

A criação das cooperativas escolares veio resolver o problema. A cooperativa escolar tem por finalidade implantar o sentimento da solidariedade social destruindo implacavelmente a tendencia muito humana para o individualismo.

Essas cooperativas levarão os seus pequenos societarios a esse espirito de colaboração e autonomia que tanto preconizam os pedagogos de hoje. Pela sua estrutura democratica a todos nivela, nela atuando no mesmo grau de igualdade, tanto o filho de paes abastados, como o pobrezinho a quem a escola doou uma ação.

Nas cooperativas considera-se em primeiro plano a capacidade de trabalho, e esforço leal e sincero, a inteligencia, a dedicação perseverante de cada um a favor do incessante progresso de tão elevada obra de ação coletiva.

Pelo esforço de alguns abnegados cooperativistas, em França, floresceu o cooperativismo escolar após a devastadora guerra de 1914, de tão sinistra memoria, e hoje esse paiz conta mais de 4500 cooperativas desse tipo. Esse movimento irradiou-se por outros paizes, contando-se, atualmente, cooperativas escolares numerosas na Belgica, Suissa,

Polonia, Russia, Italia, Inglaterra, Estados Unidos da America do Norte, Argentina, Uruguái, além de outros.

Não é exagêro afirmar-se que em todos os paizes está implantado o cooperativismo escolar e nêles se difundiu, com extraordinario exito, o ensino e a pratica da cooperação nas escolas primarias e secundarias.

Em nosso Brasil, no Distrito Federal, já se esboça uma notavel iniciativa no sentido do cooperativismo escolar, iniciativa essa que vái tendo repercussão em outros estados da União.

«São várias as vantagens que dimanam do cooperativismo aplicado ás escolas: de ordem economica, higienica e artistica; de natureza moral; de educação social e de indole didática.»

Mas, afinal, que é uma cooperativa escolar? Não é mais nem menos do que uma cooperativa de consumo para aquisição de objetos de uso escolar. Ela é constituída pelos alunos; é administrada por êles; e êles proprios serão os unicos a gosar de seus beneficios.

Ao organizar-se uma destas cooperativas é preciso, primeiramente, estabelecer si a mesma irá servir só uma classe ou toda a escola. A experiencia e a bôa razão aconselham, porém, que ela deve servir a escola inteira, porque as cooperativas para uma classe só, por sua pequenez e por outros motivos sempre falham á função de ensinar aos alunos os principios elementares de administração e perdem, assim, grande parte de seu valor educativo. Em segundo lugar, teremos necessidade de determinar quem terá o direito de fazer compras na cooperativa. Contrariamente á praxe seguida em muitas destas pequenas administrações, ha a opinião de um grupo de ilustres mestres, o qual diariamente aumenta, que aconselha que a venda se faça exclusivamente aos socios, para que os alunos aprendam a considerar sua instituição não como um armazem comum, onde qualquer pessoa pôde comprar os melhores artigos aos melhores preços, sem se sentir a êle vinculado de modo algum, e sim a considerá-la como uma agremiação á qual cada um está ligado por laços de ordem moral e material.

Esse péssimo habito de vender aos não-socios, que entre mil perigos e defeitos, tem a unica vantagem de aumentar o volume das vendas, dando maiores lucros á

sociedade, começa, agora, a ser sériamente combatido nos principais meios cooperativistas, em virtude de numerosos fracassos registrados, de transformação de cooperativas em méras empresas mercantis.

Convém sempre recordar que a finalidade das cooperativas escolares não é sómente o lucro, mas principalmente, a de educar os alunos no sentimento auxilio-mutuo pelas praticas do trabalho em comum e pela comunidade de esforços. E, aida, a de despertar-lhes «sentimentos de humanidade e altruismo e de defeza da saúde, baseando a sua ação em principios sociais de combate ás tendencias puramente individualistas, dando a idéa da solidariedade humana, o habito da economia e da providencia coletiva, a boa fé e a confiança em seus companheiros e mestres, formando emfim o espirito coletivo e o sentido da comunidade», no dizer do grande cooperativista brasileiro, Dr. Fabio Luz Filho.

O principio da divisão dos lucros entre consumidores, um dos principios basicos do cooperativismo, e universalmente adotado tem, entretanto, no caso especial das cooperativistas escolares, o inconveniente de exercer uma função negativa na educação cooperativa do pequeno associado, porque, «emquanto tudo se faz para ensinar-lhe que a cooperação significa renuncia do lucro individual por um lucro coletivo, o recebimento da pequena cota de participação nos lucros», vem avivar-lhe o espirito individualista e não solidario, que estava em recessividade.

Assim, melhor é conservar indivisiveis os lucros, aplicando-os em obras de ação social.

Os pequenos socios deverão ter a maior liberdade nas deliberações referentes á administração da sua cooperativa. Mas, isto não quer dizer que os professores não estejam sempre atentos para que essas deliberações sejam justas, honestas, uteis, e concordes com as boas normas da cooperação e para que o que se fizer seja a expressão fiel do que se decidiu. Convém ponderar, entretanto, que essa vigilancia será tanto mais eficaz quanto menos se fizer sentir. Eu me explico: os alunos não devem perceber que todos os seus passos e decisões são atentamente controlados.

A cooperativa escolar, além do fim utilitario de economia apreciavel nas compras de todo o material pedagogico, acostuma, praticamente, as creanças a decidir e executar, não passivamente, mas pela consciencia do dever, arcando, por conseguinte, com toda a responsabilidade do que decidiram e fizeram. E' conveniente, por isso, que o maior numero de socios deve participar das operações de compra e venda e do registro de contabilidade, assim como tambem do Conselho de Administração. Em obediencia a isto, de 15 em 15 dias, pelo menos, devem succeder-se grupos de 10 alunos para as citadas operações de compra e venda e de controle, ao passo que no funcionamento do Conselho de Administração, perigo algum haverá em serem os seus membros mais numerosos, desde que o mestre que preside e regula a discussão, tiver habilidade de fazer falar e calar sem que sua ação se faça muito sentir. E' util em dar a conhecer a todos os alunos as normas da cooperação e as suas inegaveis vantagens.

Não haverá nenhum inconveniente de ser assalariada para os serviços materiais da pequena instituição, uma pessoa pratica, no caso de serem eles afadigosos para mestres e alunos; o zelador da escola, por exemplo. Deste modo, se resolveria outra dificuldade: a da venda do material em aula. E' comum, e todos nós sabemos, o aluno necessitar, em classe, de tal ou qual objeto; e não seria razoavel deixar o cooperador ir comprá-lo na venda da esquina. De outro lado é imprescindivel proibir que durante as aulas, os alunos administradores, atendam a outra coisa que não sejam seus deveres escolares e tambem não é justo, nem aconselhavel, que no recreio, de 15 minutos quando muito, sejam eles obrigados áquelas atividades, porque sendo o trabalho escolar de 3 a 4 horas consecutivas, e passando de uma aula para outra, sem o descanso necessario, eles se fatigariam, em breve, com grave prejuizo da atenção e da instrução.

Devemos ter sempre em mente «que a cooperativa é um complemento da obra educadora da escola» e não motivo para interromper ou diminuir a sua eficiencia.

São os meus votos mais ardentes para que esta semente que acaba de ser lançada não caia em terreno estéril, e, ao terminar esta palestra singela, reclamo a vossa indulgencia para o modesto orador.

LIGEIRAS NOTAS DE VIAGEM

Eunice Serrano Telles de Sousa.

11

Terminando as rapidas impressões de nossa viagem ao sul, vimos mais uma vez pedir acolhida ás paginas amigas da REVISTA DE EDUCAÇÃO.

Chegada ao Rio ás 15 horas de um dia triste e chuvoso, o que não permitiu a apreciação integral da formosa Guanabara. Mesmo assim, cáes repleto. Nunca viramos em ocasiões outras, afluencia tão grande. Parecia até um desses dias de partida do Lloyd em nossa terra, quando os amigos se comprimem no *roadway* para os adeuses aos que se vão.

E' que no *Affonso Penna* viajavam innumerados passageiros de Manaus e a colonia amazonense lá se encontrava, ansiosa para rever amigos e colher noticias.

Entre os nossos, tivemos logo o gratissimo prazer de abraçar Mercedes Dantas — a admiradora entusiasta do Amazonas, a fundadora da *Sociedade Amazonense de Professores*, o espirito fidalgo que nos habituamos a admirar e nossa amiga affectuosissima.

Despedidas, offerecimentos aos companheiros de 21 dias de uma viagem admiravel, e rumámos ao *Cidade Hotel*, no *Cattete*, onde nos hospedámos, quasi na vizinhança de S. E. o Chefe do Governo...

Tivemos então a satisfação de travar conhecimento entre os hospedes, com tres vultos de grande valor intellectual; drs. Carlos Xavier Paes Barreto — desembargador e provector professor e director da Faculdade de Direito em Victoria, Attila Casse — poeta e escriptor gaucho, Coronel Octaviano Barbosa que aqui serviu como Chefe do Estado Maior do General Almerio de Moura.

Os dias succedem-se e revemos o Rio, cada vez mais embebecidos.

Não temos a pretensão de tentar dizer quanto nos sentimos bem com o maravilhoso que o Rio nos offerece.

Outras vozes são unanimes em affirmar o miraculoso effeito com que a Natureza age em nosso intimo quando contemplamos

todos os encantos que ella esbanjou fartamente em nossa linda Capital.

Seus passeios — cada qual mais attraente — quer sejam no seio da cidade, quer nas soberbas praias, quer nos morros, quer nas ilhas pittorescas, quer nos suburbios, quer nas cidades serranas, deixam-nos indecisos quanto á primazia de um.

Para nós, tudo no Rio tem graça, tem vida, tem tom especial.

Não podemos deixar de salientar dois: a subida ao Corcovado e ao Pão de Assucar.

O Corcovado ostenta em seu cume a imagem de Christo-Rei.

Admirada como obra de arte, como elevada concepção de engenharia, como resultado do esforço de um grupo de abnegados, para nós, catholicos romanos, a excursão reveste-se de um alto cunho de religiosidade e de mysticismo.

Depois de uma viagem esplendida, a aproximação da Imagem e em seguida, a chegada ao seu sopé, dá-nos uma impressão sobrenatural. Lá no alto, ajoelhámos unguidos de intenso fervor ante o altar do Rei dos Reis, pedindo-lhe bençãos para o Brasil inteiro, para o nosso torrão querido!

E que effeito produz a Imagem, principalmente á noite, quando da cidade a observamos illuminada!

Parece-nos muitas vezes que o Christo está solto, entre as nuvens, abençoando santamente a todos!

A viagem aerea ao Pão de Assucar, constitue para nós o mais aprazível passeio. Infelizmente o pavor de um desastre (pouco controle dos nervos, pois se goza nos carros da mais absoluta segurança) impede que todos apreciem o estupendo espectáculo que os olhos civisam, extasiados, quando ao anoitecer, lá do morro, vemos poueo a pouco, surgir a illuminação da cidade.

Colossal! O Rio transforma-se-nos num jardim encantado, daquelles contos de fadas...

Ha trechos que parecem myriades de pylilampas, de uma faiscação intensa; outros — deslumbrantes — numa orgia estonteante de luz; outros — como a incomparavel curva

de Copacabana, que nos dá a illusão de um formosissimo collar de perolas!

O bairro da Cinelândia, com seus letreiros luminosos, transporta-nos a um mundo de fantasias.

Contemplando pela terceira vez o espectáculo que meus olhos jamais se cansarão de ver, confessamo-nos abstractos de tudo, pequeninos ante tamanha demonstração do Bello, commovidos ante tamanha riqueza de emoções!

O carioca, entretanto, esquece toda a fartura de encantos que possui, tudo que abundantemente a Natureza espargiu em emoções, ao se approximar da época carnavalesca.

Término de anno, inicio do reinado do Mômô. Não se cogita senão da genuína festa carioca. Tudo cede logar aos folguedos carnavalescos.

Tivemos occasião de apreciar uma peça theatral, uma *charge* interessantissima que não nos furtamos de reproduzir succintamente.

A scena representava o ministerio, o Interventor Pedro Ernesto, o dr. Getulio Vargas.

Os artistas, esplendidamente caracterizados nos principaes vultos da actualidade politica. Os ministros, em dialogos formidaveis de espirito, discutiam uma premeditada revolução e a consequente queda da Dictadura.

Ouvindo o Dictador, fazem-no sciente do occorrido e de quem fôra indicado para seu successor. Fôra o Rei Mômô!

E o Dictador acha razoavel, todos concordam em entregar á cidade ao Rei da Folia, pois será o unico obedecido durante a quadra carnavalesca...

Do carnaval carioca não se pode fazer idéa senão apreciando-o em suas diversas tonalidades.

Pode-se assegurar, comtudo, que é um verdadeiro delirio de alegria, uma loucura enfim! Nas ruas, nos bondes, todos dansam ou cantam com a maior naturalidade.

Digna de registro é a estatística feita do pouco consumo de bebidas alcoolicas nesse periodo. Também não se vende café nos botequins.

Usa-se e abusa-se dos refrescos, dos sorvetes, de toda a sorte de gelados.

Antes da entrada triumphal do Carnaval e de nossa ida a S. Paulo, procuramos a

séde da *Federação Nacional das Sociedades de Educação*, da qual a S. A. P. é filiada.

Recebidos com a mais extrema gentileza pela mui digna educadora D. Celina Padilha, a incansavel Secretária Geral da Federação, entretivemos agradabilissima palestra com a illustre Dama e outras collegas que lá se encontravam no momento.

Mais uma vez, D. Celina disse-nos do alto grão de sympathia e do conceito que a nossa Sociedade goza perante a Federação, o que muito nos sensibilizou e envaideceu.

Lamentámos o periodo de ferias que não nos permitiu visitar escolas para nosso proprio aproveitamento.

No entanto, a excepcional delicadeza de D. Celina, que nos conduziu em seu carro particular, levou-nos a conhecer as installações de um Grupo recente e modelar, do 7.º Districto, do qual D. Celina é esforçada Inspectorá.

A escola *Francisco Cabrita* funciona num predio moderno, perfeitamente aproveitado, com amplas salas e mobiliario moderno e leve, para que as creanças se possam locomover á vontade, um gabinete dentario, uma sala de saude na qual as principaes noções de hygiene são dadas e praticadas de maneira efficiente, um museu onde as creanças estudam livremente, pois os armarios, com os diferentes mostruarios não se acham envidraçados afim de que as creanças se habituem a manusear sem destruir. Diariamente são escalados estudantes que fazem a limpeza e a organização respectiva.

Percorremos ainda a bibliotheca e a sala de leitura, dotada de confortaveis poltronas, varias almofadas pelo soallo, onde tambem as creanças se sentam e consultam livros ou distraem o espirito com leituras apropriadas, um pequeno gabinete de physica, um vasto salão de refeitorio no qual a petizada toma a sua sopa ou o seu mingão (preparados este e aquella na propria escola) em mesinhas arranjadas modestamente, mas com arte, habituando a creança ao convivio de seus collegas, com as principaes regras de civilidade, quando se agrupam para tomar qualquer refeição.

No preparo artistico das salas de aula, onde reina um ambiente de vivacidade, da sala da Inspectorá, etc., as creanças é que o fazem, ouvindo muitas vezes a opinião da mestra.

O salãozinho da Inspectorá, por exemplo, impressiona agradavelmente a quem goza do seu conforto.

Chamou-nos a atenção uma barra original na parede. Explicou-nos, então, D. Celina que, desejando ornamentar sua sala deu como tema do adorno o morcego. De animal tão exquisito e feio vimos tanta cousa original e interessante!

Diversos estudantes fizeram-lhe o desenho e o mais artistico foi escolhido e, em linhas coloridas, adaptou-o em trabalho manual, em estopilha, orlando toda a sala na barra a que nos referimos. Um almofadão e um quadrinho á parede, no mesmo estylo e outros pequeninos nadas completavam aquelle ambiente acolhedor.

Um pequenino jardim com flores silvestres, de que as creanças cuidam e que colhem para a ornamentação de seu refeitorio e uma orla com os principaes grupos dos vegetaes para o ensino da Botanica perfazem uma Escola que lamentámos sinceramente não termos visto em funcionamento para alargar nossos rudimentares conhecimentos

Na sala dos analfabetos vimos quadros interessantes, organizados pela professora para o ensino da leitura idéo-visual, do qual estão obtendo optimos resultados.

Abro aqui um pequeno parenthesis.

Porque em nossas escolas não se cogita de incrementar o amor á leitura, organizando-se uma pequenina bibliotheca infantil, de livros instructivos e recreativos? Porque não se vão modificando esses velhos habitos de decorar pontos, quando explicações breves e leitura de livros bons farão despertar a intelligencia e a memoria?

Porque a diminuta verba do Circulo de Paes e Professores não é empregada para aquisição dessa bibliotheca, de pequeno material para gabinete de physica, para outros misteres?

No sul, os paes de familias comprehendem melhor a renovação escolar que se opera em todo o mundo e coordenam seus esforços junto ao poder publico e ao magisterio para que o Brasil possa marchar ao lado das nações que cultuam o progresso da Instrução.

Intelizmente, em nossa terra, a maioria dos paes não corresponde ao que o professorado almeja.

Soubemos em carta que nos foi dirigida, contando das novidades na Instrução de Manáos, de um caso que provocou certa celeuma por parte de alguns paes: o Inspector do Ensino aconselhara a organização de cadernos historicos!

Que havia de mais nesse pedido? Faz-se isso em toda a parte e a proposito de tudo.

Não se formam de um só golpe, nem ha necessidade de inutilizar livros, nem adquirir revistas novas.

Perderia inteiramente o valor. O merito está em despertar o interesse da creança, em ver revistas que lhe caiam ás mãos, recortes de jornaes, etc., para verificar se ha alguma cousa que seja aproveitavel para cortar, collar em seguida e escrever seus dizeres singelos.

Por ex.: vê a creança uma caravela colorida. Lembra-se do que ouviu dizer sobre o descobrimento do Brasil e guarda, escrevendo em seu album alguma legenda apropriada. Uma gaiola com um passaro relembra o estudo das aves e pode ao mesmo tempo dar oportunidade para um pequenino exercicio de composição. E assim com photographias, locomotivas, vultos de homens celebres, machinas, curso de um rio, uma praia, etc.

Perdõem-nos os que nos lêem. Apenas quisemos chamar a atenção dos paes para collaborarem com o que se pede e o que se ensina, não julgando que se exigem impossiveis. Ainda estamos tão longe do que desejamos ser!

Voltemos, porem, á nossa viagem.

Visitámos tambem o Instituto de Educação, antiga E. Normal, sendo fidalgamente recebidos pelo seu Secretario dr. Antonio Victor que nos apresentou em seguida ao Director — o grande pedagogo brasileiro que é Lourenço Filho.

Este com uma gentileza excelsa, mostrou-nos todo o edificio, dando-nos informes e explicações.

Não sabemos o que mais admirar: se a imponencia, o luxo do predio, se o conforto pedagogico e material que nelle se observa.

Está dividido o curso do Instituto em 4 secções: Jardim da Infancia com 350 alumnos; Curso Primario com 500; Escola Secundaria com 1.400 (curso de preparatorios) Escola de Professores com 100 no curso regular e 450 em varios cursos de

extensão e de aperfeiçoamento, atingindo ao numero de 138 professores.

Sendo o curso secundario de 6 annos cursam-se mais 2 para obter o diploma de Professor na chamada Escola de Professores.

Possue o Instituto salas especializadas para Desenho (3 salas), Sociologia, Geographia (museu e sala ambiente), Trabalhos Manuaes e laboratorios para Sciencias Physico-Naturaes, Physica, Chimica (dois) com installações de agua corrente, de energia electrica, para cada alumno, fazendo-se o estudo e a analyse de qualquer corpo com a maior facilidade.

O Gymnasium e o salão de conferencias são vastissimos e de um conforto invejavel.

Com um excellente serviço de *restaurant* attende a alumnos e professores.

Emfim, o Instituto de Educação é um estabelecimento que honra o Brasil sob qualquer ponto de vista.

Sobre assumpto de instrução que — revele-se-nos declarar — muito nos interessa e nos attrae, foi somente o que podemos ver, por causa do periodo de férias que os estabelecimentos gozavam.

A viagem a S. Paulo fizemos em trem diurno para podermos apreciar e gozar o encantamento da viagem.

No trajecto do Rio a S. Paulo, feito em 12 horas, conhecemos varias cidades importantes dos dois Estados, seguimos mui de perto varios trechos do curso do Parahyba, atravessamos innumerados tunneis, chapadões, valles, morros, depressões, até alcançarmos a cidade, majestosa e soberana no seu progresso, na sua actividade industrial.

Hospedando-nos num hotel da Avenida S. João, uma das principaes arterias de S. Paulo, com facilidade podemos conhecer os seus principaes logradouros: o parque Anhangabahu, visto de Viaducto do Chá; e edificio Martinelli, importante nos seus 23 andares, com tudo o que se possa desejar; o vasto parque Siqueira Campos, com bosques lindissimos; a Estação da Luz, com seu jardim em frente, repleto de flores viçosas e raras e onde se vê a herma de Garibaldi; Santo Amaro, com a represa da Light que forma um grande lago artificial no qual passeiam pequenas embarcações; os predios luxuosos da Santa Casa, Faculdade de Medicina, etc.

O Museu do Ypiranga — repositório de preciosissimas antiguidades historicas, num rico predio com paisagens de valor, escadarias de marmore, etc., tem em frente um formoso jardim e mais em baixo o assombroso Monumento do Ypiranga, que symboliza o logar historico em que D. Pedro I deu o grito de Liberdade.

Não podiamos deixar de ir a Butantan. Viagem aprazivel, de auto-omnibus, apreciando depois os importantes viveiros de cobras, pois o Instituto Soroterapico se acha interdiciado a qualquer pessoa estranha.

Em esplendida viagem, tambem de auto omnibus (embora haja linha ferrea) rumámos um dia a Santos, o tradicional e importantissimo porto do Brasil. Estrada linda, toda macadamizada, não se vendo terrenos baldios, tudo cultivado a primor, curvas pronunciadas e perigosas, deixa ver panorama admiravel.

Santos é cidade moderna, com predios bonitos, ruas largas e extensas, notadamente a Avenida Anna Costa que nos conduz á formosa praia de Guarujá e depois á pittoresca S. Vicente.

Bastaria, entretanto, o trajecto de 2 horas e meia, que descortina vista bellissima para satisfazer ao mais exigente excursionista.

Eis em pinceladas largas os traços geraes de nossa viagem.

Amanhã aportaremos a Manáos, satisfeitos com o que vimos e observámos, anciosos para abraçar os nossos e rever a nossa pacata cidade — jovial, mimosa e bem cuidada.

Bordo do *Campos Salles*.

8/3/934.

« Os processos de ensino não podem cifrar-se a mecanica das recitações, nem o aluno deve ser reduzido a elemento passivo no curso das lições. Uma lição não pode ser monologo, porque presuppõe duas personagens: uma lição é uma colaboração, um trabalho em comum, um entendimento reciproco, uma cooperação de inteligencias ».

Extinção da escravidão no Brasil

YARA S. SÁ PEIXOTO

Treze de Maio é a data da lei que, em 1888, concedeu a liberdade immediata e sem restricções a todos os escravos no Brasil.

A proposta foi apresentada á Camara dos Deputados, no dia 8 desse mês, em nome do goveino, — pelo ministro da agricultura Dr. Rodrigo Silva e o projecto remittido pelo Senado á sancção naquella mesma data memoravel, depois de approvado sem emenda em uma e outra camara.

Achava-se então em viagem, na Europa, o imperador D Pedro II.

Coube a sua filha, a princeza imperial regente D. Isabel, cujos sentimentos fervorosamente abolicionistas eram bem conhecidos, sancionar o decreto legislativo.

Os principaes factores da escravidão no Brasil foram as difficuldades da colonisação, a necessidade de braços para o trabalho rude e a sêde de riquezas faceis e rapidas, que levaram os emigrados da metropole a organizar expedições ao interior do paiz para a caça dos indios e a transportar para aqui grande numero de negros aprisionados na Costa d'Africa.

Duas raças constituíram-se, deste modo, fontes de escravidão: — a vermelha ou indigena e a negra ou africana.

Em favor do indio nunca faltaram defensores. A legislação simplesmente restrictiva ou ainda prohibitiva, foi abundante, embora muitas vezes burlada.

Assim, a lei de 1574, revigorada em 1611, apenas permittia a escravidão do indio, feito prisioneiro em guerra ou como resgate do prisioneiro já condemnado á morte; a lei de 1652 prohibiu terminantemente a escravidão dos selvícolas e considerou libertos todos os indigenas.

Em 1680, outra lei deu liberdade aos indios e estabeleceu punição para quem os escraviasse.

Não obstante todas essas leis e decretos, continuaram os colonos a reduzir os indios a captivo até o reinado de D. José I, quando sendo ministro o Marquez de Pombal, foi observada a lei de 6 de Junho de 1755, que emancipou os indios do Pará e do Maranhão, medida logicamente ampliada a todos os indios do Brasil pelo decreto de

8 de Maio de 1758, que os proclamou livres e no gozo dos mesmos direitos, honras e privilegios outorgados aos demais vassallos.

Extincta a escravidão dos selvícolas, intensificou-se a importação dos negros africanos, arrancados á sua patria, marcados com ferro em brasa e embarcados como mercadoria nos infectos porões dos navios e, assim, no Brasil, tempo houve em que os escravos da raça negra chegaram a representar a quarta parte da população; eram os unicos trabalhadores agricolas e residia na agricultura a fonte primordial da riqueza publica.

Só muito depois da libertação dos indios, a lei de 7 de Novembro de 1831, ratificando um convenio firmado com a Inglaterra em 1826, prohibiu o trafico africano, que continuou, no emtanto, a fazer-se por contrabando durante mais de vinte annos.

Não se conformou a Inglaterra com a falta de cumprimento dos tratados: depois de varios protestos infructiferos, o *bill Aberdeen* sujeitou os navios e subditos brasileiros suspeitos de traficantes de escravos ao julgamento dos tribunales inglezes, punindo-os como piratas.

Deante dessa attitude enérgica e decisiva, a lei de 1850, referendada por Eusebio de Queiroz, comminou penas severas aos contrabandistas e fez cessar o repugnante commercio da carne humana.

O precursor do abolicionismo no Brasil foi o padre Manoel Ribeiro da Rocha, com a publicação do livro *Ethiophe Resgatada*, de sua lavra, em 1758, quando a nossa terra era ainda colonia portugueza.

Desde a nossa independencia, ergueram-se vozes contra o captivo e, aos poucos, se foi avolumando, com entusiasmo sempre crescente, empolgando todas as classes da sociedade, a avalanche intrepida e abnegada dos grandes apóstolos da liberdade.

E' assim que a lei n.º 2040, de 28 de Setembro de 1871, chamada do ventre livre, á qual está ligado o nome glorioso do Visconde do Rio Branco, proclamou livres os filhos de mulher escrava nascidos dahi por diante e criou um fundo de emancipação; a lei de 28 de Setembro de 1885 considerou tambem livres os captivos sexagenarios e estabeleceu medidas para a extinção gradual da escravidão; finalmente, a lei de 13 de Maio de 1888 sagrou a victoria definitiva do abolicionismo, declarando extincta

a escravidão no Brasil, pois, a esse tempo, as libertações succediam-se em massa; com alforrias se commemorava qualquer facto importante ou festa de familia; milhares de escravos fugiam das fazendas, recusando-se nobre e galhardamente, o exercito nacional a perseguil-os, empregando na caçada de inermes criaturas humanas as armas que lhe foram confiadas para a defesa da patria; tres provincias (Ceará, Amazonas e Rio Grande do Sul) haviam já libertado todos os seus escravos e de um milhão e meio de escravos matriculados em 1885 restava menos da metade nas vespas da promulgação da lei aurea.

A emancipação se operou, portanto, progressivamente, mas de modo ineluctavel e com a cooperação geral da familia brasileira.

Pode-se dizer, com segurança, que o Brasil não amou, nem defendeu o captivo: apenas tolerou tão execravel instituição, aliás praticada em épocas proximas, por quasi todos os povos.

A Inglaterra, por exemplo, ao começar o seculo passado, admittia ainda o trafico dos negros, com o qual, segundo escreve Affonso Celso, enriqueceu e cuja suppressão difficilmente conseguiu.

Em França, só em 1848 extinguiu-se a escravidão nas colonias.

Nos Estados Unidos da America do Norte, a abolição custou tremenda guerra civil, durante cerca de cinco annos, de 1860 a 1865.

Se bem que, sob o Imperio, a população negra não tivesse augmento excessivo no Amazonas, havendo 962 escravos no anno de 1833 e attingindo apenas a 1.501 no anno de 1884, quando o presidente Dr. Theodureto Carlos Faria Souto, em meio de vibrantes demonstraões publicas de jubilo, communicou, a 24 de Maio, que tinham sido alforriados todos os escravos do municipio da capital e, a 10 de Julho, que não havia mais escravatura em todo o territorio da provincia, é de assignalar o enthusiasmo, philantropia e boa orientação da campanha abolicionista no Amazonas.

Cabe-lhe a gloria dos primeiros movimentos emancipadores; o seu presidente general José Miranda da Silva Reis alvitrou, como medida de alto alcance social, e obteve da Assembléa Legislativa Provincial, uma verba destinada á liberdade dos nascituros, antecipando-se á lei do ventre livre; poucos

senhores acceitaram remuneração para a liberdade dos seus escravos.

Bem haja, pois, o Amazonas que teve na propaganda uma attitudo cheia de belleza e de elegancia moral, reveladora de seus sentimentos generozos, de seu progresso e civilisação.

Commemorando a data de 13 de Maio, consagrada á fraternidade dos brasileiros, ergamos os nossos corações em uma prece a Deus por todos os que, com a palavra, com a penna, com o seu prestigio, com a energia de sua vontade ou com o exemplo, concorreram para a redempção dos captivos no Brasil.

O café

Parecerá paradoxo, mas é verdade. O Brasil é o maior centro productor de Café do mundo, entretanto, é onde se bebe o peor Café. O brasileiro está viciado de tal modo no uso do máo Café, que não pôde imaginar que haja o mesmo producto com arôma, paladar e bebida diferentes.

E porque? Primeiro em razão de serem consumidos no Paiz, especialmente nos Estados do Norte, os typos commerciaes mais baixos, geralmente o 8. Depois, porque desde a colheita, a seccagem e o beneficia-mento, o nosso Café perde as essencias e oleos volateis, caracteristicos da bebida fina.

Nas torrefações a fraude mistura ao café de baixo typo: milho, feijão, casca de cacáo torrada, e tantos outros productos que torrados e moidos juntamente com o Café, são entregues ao consumo publico.

As donas de casa quando o Café é torrado em casa, fazem com que as cosinheiras o reduzam á carvão de Café; e para augmentar o rendimento da bebida mandam juntar assucar preto.

Desta maneira prepara-se uma bebida, que se poderá denominar tinta de Café, acida e indigesta.

A preferencia pelo Café torrado com assucar chega ao ponto da freguezia das torrefações desta Capital exigirem que estas torrem o Café com assucar e o forneçam assim preparado.

Tal exigencia se diz assentar num principio economico, que será objecto do proximo commentario sobre esta noticia.

COMMEMORANDO a passagem do dia 1.º de Maio, a professora interina da escola nocturna desse nome, D. Alletha de Mello e Silva produziu a seguinte saudação:

Ex.^{mo} Snr. Dr. Diretor Geral da Instrução Publica.

Snr. Inspetor do Ensino.

Meus alunos,

A instrução publica do Amazonas, hoje rivalisando com a dos estados mais avançados do Brasil, vem, de longa data, impulsionada pelo amor e dedicação de pessoas notaveis do nosso meio, a quem, em boa hora, tem sido entregue a sua direção.

Poderia relacionar diversos desses abnegados pioneiros que têm passado pela Diretoria Geral da Instrução Publica neste grande Estado do setentrião brasileiro.

Entretanto, para não me tornar fatigante, cito apenas, a do actual Diretor, Snr. Dr. André de Araujo, que, incontestavelmente vem movimentando com muito proveito esse importante departamento da administração publica amazonense.

A ele já deve bastante a juventude amazonense, por quem se esforça, sonhando com o seu futuro, onde repousam todas as esperanças do grande vale, onde penso, ele ve.u receber os primeiros rudimentos nas letras, e, finalmente, conseguir a sua robusta capacidade intelectual.

Todavia, não é este, meus applicados alunos, o objetivo desta palestra.

Viso, apenas, fazer ressaltar qual a significação da denominação da nossa modesta escola.

No Brasil aprende-se a cultuar os grandes vultos, destacados pela sua mentalidade, applicada ao bem publico nacional, como ainda a esses que se congregam em massa, formando multidões e que produzem com os seus esforços o progresso da Nação e o conforto dos seus filhos.

A' essas maquinas humanas, admiraveis pela sua resistencia e resignação, é que se dá coletivamente, o nome de classe proletaria.

A classe proletaria, meus alunos, é aquela que mais energias despende nos seus trabalhos, quasi sempre grosseiros e pezados, e que em compensação por esses ingentes esforços, recebem parca remuneração.

Sómente por este motivo ela é bem merecedora do amparo dos homens de governo

e da condescendencia daqueles que puderam galgar posições pela cultura das suas intelligencias.

O proletario ou seja o trabalhador jornalheiro, mesmo sem cansar demasiado o cerebro tambem produz muito e é um dos grandes fatores do progresso universal.

O que o homem culto pensa e projeta, ele com as mãos adestradas executa, constróe.

Se de um lado temos o cerebro, onde se coordenam as idéas, no outro encontramos o braço em movimento, capaz de solucionar, mecanicamente, os mais delicados problemas.

Para exemplificar-vos: um engenheiro, projeta uma construção, suponhamos, de um palacio e o operario levanta-o com uma precisão admiravel, sem lhe faltar o menor relevo gravado na planta.

Aqui, em nossa bela capital vemos diversos desses magnificos exemplos:

—O Teatro Amazonas, o Palacio da Justiça, o Palacio Rio Negro, a ponte metalica da Cachoeirinha, e muitas outras construções que honrariam a engenharia, como a classe proletaria do Amazonas.

Quando a Patria periga vemos ao longo das nossas trincheiras esses homens do trabalho expondo a vida em defeza da sua integridade, executando, ainda, os planos estrategicos de afamados generasi.

O homem trabalhador merece portanto esta homenagem, porque, é ele tambem que prepara, sob a inclemencia do sol, as casas que habitamos, o mobiliario que precisamos para o nosso bem estar e os jardins onde as creanças vão se confundir com as flores, e os poetas e homens de letras vão descansar do esforço cerebral e colher novas e proveitosas inspirações.

Compreendendo assim, a utilidade da classe proletaria, foi que o governo do nosso Paiz resolveu consagrar-lhe um dia.

Este foi o 1.º de Maio, que, pelo mesmo motivo, veiu denominar esta escola.

Cumpra não esquecerdes.

* * *

Dr. André de Araujo, e Snr. Inspetor:
Esta palestra em nada lhes adiantou, eu bem sei. Entretanto, é possivel que os meus discipulos tenham aproveitado alguma cousa. Quero agora, agradecer a V. Excias. a nimia gentileza que tiveram em aquiescer ao meu despretençioso convite.

A presença de V. Excias, foi um grande estímulo para a classe que recebe ensinamentos e uma prova de que ha, de fato, grande interesse da parte de V. Excias, pela instrução publica de nosso grande e futuro Estado.

Muito penhorada estou.
Tenho dito.

PALESTRA

realizada no grupo escolar Marechal Hermes, no dia 14 do corrente pela diretora do mesmo,
D. BRASILINA PEDROSA

Minhas distintas colegas e alunos:

A Diretoria Geral da Instrução Publica, no louvavel intuito de estampar na alma da infancia escolar, a reminiscencia dos nossos maiores e os fástos das nossas glorias, nos tem cometido a radiosa missão de dissertar sobre as comemorações nacionais, neste suave ambiente de gradativa formação do espirito, onde a creança de hoje, será a juventude de amanhã, a mulher do futuro e o varão illustre da posteridade.

Temos rememorado, em palestras civicas, nos grandes dias da Patria, os vultos do passado, as escaladas altivas da independencia e da soberania, da abolição á Republica, a emancipação da sagrada terra brasileira, pela nossa autonomia politica, a emancipação da raça negra, no paralelo da liberdade, o dogma da igualdade, ao alvorecer da democracia, que já raiara, ha muito, no concerto dos demais povos americanos.

Hoje, porém, minhas prezadas colegas, cumpre-nos traçar, além das fronteiras, para que os nossos jovens alunos o compreendam, guardem na memoria e cultuem, o magestoso elo da solidariedade americana.

A America é dos americanos, proclamou Monroe, no seu tempo, quando fez sentir á velha Europa que, em terras dos novos continentes, o dominio do Ocidente, não seria tolerado.

Não faltou, é certo, quem lhe adulterasse o famoso pensamento, emprestando-lhe a ideia oculta do imperialismo norte-americano, ofensivo e humilhante á dignidade e á autonomia dos povos civilizados dos continentes sul e central das Americas.

Final melhor compreendido, no decurso de varias décadas, a sua admiravel doutrina,

então considerada hostil á soberania dos países latinos-americanos, começou a merecer destes, acolhimento mais benévolo, seguido de franco apoio, até constituir uma união indissolúvel, ora consubstanciado no Pan-Americanismo.

E esta cadeia, que representa a força, a união, a independencia e a solidariedade dos povos americanos, nos seus continentes, devemos-la, em parte, meus queridos discipulos, ao nosso glorioso Barão do Rio Branco, tão do vosso conhecimento, ao nosso inesquecível embaixador Joaquim Nabuco, cuja memoria também aprendestes a venerar, e ao incomparavel estadista norte-americano Emilio Root, uma das visões mais alçadas, no seio do poderoso paiz amigo.

Estes tres vultos inconfundíveis, no cenário da fraternização dos estados anglo-latino-americanos, foram os verdadeiros consolidadores do atual pan-americanismo, vitorioso e triunfante, com séde em Washington, no magestoso edificio da União Pan-Americana, para cuja construção concorreram todos os países interessados, inclusive dadivas generosas, como a de Andrew Carnigie, o famoso milionario, consagrado apostolo da Paz.

Ali, na intimidade da familia americana, reunem-se os representantes de vinte e um países, grandes e pequenos, mas todos unidos e confiantes, numa inalteravel atmosfera de paz, para resolverem, de comum acôrdo, as pendencias, porventura surgidas, entre os membros da mesma familia. Ali se tem resolvido, com relativa facilidade, os problemas economicos, financeiros, politicos e internacionais dos estados americanos.

Eis o que é, em ligeiros traços, o formidável blóco pan-americano. Como disse Joaquim Nabuco, — a consciencia americana é o sentimento da nossa orbita especial, inteiramente separada da européa.

Por consequencia — pan-americano, só americano!

Deveis guardar bem, meus meninos, o Pan-Americanismo, representa, em suma, a solidariedade, a união, a detesa mútua, a vigilancia constante em torno da doutrina, hoje realidade decisiva, para a paz ou para a guerra.

O sólo das Americas foi, é e será sempre americano, como o nosso querido Brasil, foi, é e será sempre brasileiro.

Abril de 1934.

A ESTRATOSFERA SOB O PONTO DE VISTA METEOROLOGICO

MANUEL BASTOS LIRA

As tentativas até agora realizadas para estudos estratosfericos, foram, até bem pouco, o incentivo de interessantes artigos na imprensa especializada.

O tema é tão amplo e complexo que só um dos seus aspectos, o meteorologico, foge ao tratamento de uma linguagem de divulgação como seria de nosso desejo, para tornar-se um tanto demorado — sem perder contudo seu caracter impressionante.

Por Wegener, sabemos que a nossa atmosfera apresenta as nuvens numa camada fina em comparação com as outras, pois conta apenas com 10 kms. em media, localisando-se acima da referida camada a estratosfera propriamente dita, limitando-se então para lá dos 70 kms., com a atmosfera de hidrogenio, camada esta que atinge facilmente os 200 kms.

As alturas superiores constituem dominios dum gaz muito mais leve que hidrogenio, camada que o hidrogenio, gaz hipotetico denominado *geocoronio*, á semelhança do *coronio*, que, sendo principal constituinte da corôa solar, foi a sua existencia comprovada a milhares de kilometros da fotosfera, supondo-se extendido e disperso nos espaços interplanetários, convertendo a nossa atmosfera numa condensação local dos gazes — uma continuação da atmosfera solar.

Os meios geralmente empregados para fazer pesquisas estratosfericas, muito embora sejam prodigos em dados científicos são muito primitivos e falhos.

Com o inicio do *ano polar* organizado no ano passado pelo *Comité Meteorologico Internacional* que se reuniu em Copenhague é que começamos as observações da alta atmosfera sendo aliás as primeiras realizadas em zona puramente equatorial.

O metodo empregado é o conhecido sob a denominação de *BALÃO PILOTO*. Uma unica observação conseguiu até hoje atravessar a troposfera e chegar a estratosfera, obtendo dados elucidativos sob o comportamento meteorologico da estratosfera, comportamento este, algo exquisto, amenizado tão somente pelos caracteres de nossa zona. Assim sendo, a isotermia na estratosfera não aparece, posto que o balão alcançou velocidades

extraordinarias da ordem de 20 metros, segundo, o que deixa prever o desequilibrio termico responsavel pelo torbelinho aereo ali encontrado. (*)

Em outras zonas, o estudo da alta atmosfera que já existia antes da criação do ano polar, se desenvolvera ainda mais — surgiram as explorações por balões tripulados.

Infelizmente conforme se depreende dos relatorios apresentados por Picard, poucos são os adiantos trazidos á meteorologia.

Os balões tripulados ainda não conseguiram transpor a troposfera, fazendo mesmo nas camadas mais altas desta, um estudo insufficiente e fóra de todo ponto de vista pratico.

Passou-se ao estudo espectroscopico dos fenomenos óticos que se realizam nas altas camadas atmosfericas Estes estudos levados a efeito com a ajuda da astronomia, realizaram profundas modificações na nossa concepção meteorologica determinando mesmo uma transformação total das nossas apreciações.

As auroras boreais ou polares que geralmente aparecem na atmosfera de hidrogenio em formas radiadas, são interessantes fenomenos óticos, observados nas altas latitudes austrais e boreais, na proximidade dos polos magneticos teluricos.

Fenomenos óticos como o são, foram fotografados e submetidos a processos fotografometricos, obtendo fotografias simultaneas desde os dois extremos duma base perfeitamente calculada, permitindo tudo isto conhecer não só as formas afetadas como também as transformações que se seguem ás manifestações auroricas, transformações estas que podem durar horas, atingindo facilmente alturas alem dos 700 kms.

Deste modo ainda que em completa ignorancia do estado do gaz ou dos gazes em cujo seio tem lugar o fenomeno, podemos categoricamente afirmar a existencia dum corpo gazoso, extremamente mais leve que os conhecidos, continuação, portanto, de nossa atmosfera.

Do estudo espectroscopico resultou o conhecimento do Helio na atmosfera solar, gaz este encontrado também na Terra. Sub-

metida a luz das auroras polares á acção do espectroscopio, acusou semelhanças á análise da coroa solar, semelhanças estas tão convincentes que não ha duvida alguma em afirmar que coronio e geocoronio sejam a mesma e unica coisa.

As estrelas fugazes ou bolidos porções minimas de materia cosmica que gravitam nos espaços siderais e planetarios e que penetrando em nossa atmosfera o fazem com velocidades da ordem de 50 kms./segundo, são os meios astronomicos de observação de que dispomos si bem que não diariamente.

Dada a velocidade realizada, comprimen fortemente os gazes que os circundam, esquentando-os, até que aparecem luminosos e fundem a materia cosmica, deixando uma estrada luminosa cuja luz é característica.

A análise espectroscopica nos revela aí não só a existencia da camada de hidrogenio como a da camada de ozona e outros gazes ainda mal determinados.

A camada de ozona cujo estudo está por agora entregue a Institutos magneticos, é fator importante no dominio das ondulações eletromagneticas, em cujo mecanismo constitue o que denominamos a camada ionizada ou de Kenelly—Heaviside, suposta até bem pouco composta por cristais de nitrogenio.

Infelizmente, fora das observações de balão piloto muito mal sucedidas numa região como a nossa, de nuvens baixas e máu tempo constante, nada, por enquanto, temos realizado para o estudo meteorologico da alta atmosfera, muito embora seja a nossa zona a mais propicia para tais estudos, como afirma o P. Luis Rodés, opinião esta seguida pelo Patronato da Expedição Iglesias na parte referida, sendo quasi certo a instalação de uma Estação Magnetica na região amazonica, identica a de Vassouras, para os trabalhos que a citada Expedição tentará a este respeito no vale amazonico.

(*) Sondagem n.º 112—10/8/933.

Observatorio Aero-climatologico de Manaus.

AS escolas passam a constituir um mundo dentro do mundo, uma sociedade dentro da sociedade. Isso no melhor dos casos, que, no peor, ellas se tornam simplesmente livrescas, atulhando a cabeça da criança de cousas inuteis e estupidas, não relacionadas com a vida e com a propria realidade.

Anísio Teixeira.

PELA INSTRUÇÃO PUBLICA

O dr. André Vidal de Araujo, escolhido pela Interventoria Federal para Director Geral da Instrução Publica, vem continuando a imprimir naquelle importante departamento da administração estadual uma orientação verdadeiramente notavel e promissora.

E' o mesmo homem de acção que conhecemos quando, arrostando dificuldades quasi intransponiveis, conseguiu levantar na visinha cidade de Manacapurú, o soberbo edificio onde está localizado o grupo escolar *Carlos Pinho*, edificio esse construido á luz dos modernos conhecimentos pedagogicos.

Bastaria citar esse facto para atestar a energia creadora do joven magistrado que não mede sacrificios quando se trata de difundir a educação popular, agindo sempre com muita intelligencia, criterio e desassombro. E' um homem de acção em toda a extensão da palavra.

A sua actuação na Instrução Publica é por demais conhecida. Innumerous são os serviços já prestados em sete meses apenas; uns, já em via de conclusão, outros, a iniciar-se dentro de breves dias.

Não nos podemos furtar ao prazer de apontar quaes esses serviços de que fallamos linhas atraz.

Eil-os:

Amplios pavilhões a serem construidos nos grupos escolares *Saldanha Marinho*, *Marechal Hermes*, *Conego Azevedo*, *Euclides da Cunha* e *José Paranaguá*, melhoramentos esse que vêm augmentar consideravelmente a lotação desses predios; appparelhos cinematographicos, de optima qualidade e construção modernissima, da marca *Zeiss Ikon*; epidoscopio da mesma marca para projecção de figuras explicativas; criação de grupos escolares na capital e no interior; criação de innumerous escolas de emergencia e sub-classes; fabricação de grande copia de material escolar, em condições vantajosissimas para o Estado; pedido de moderno material pedagogico para S. Paulo e Rio, inclusive gabinetes de *Physica*, *Historia Natural*, gabinetes dentarios, appparelhos de anthropometria, globos, mappas muraes, mimio-grapho, materiaes completos de Decroly, Montessori, Froebel, tudo no valor

aproximado de quatrocentos contos de reis; retirada da Alfandega, com minima despeza, de importante material que alli estava ha alguns annos, constante de bustos ethrographicos, mappas para o ensino intuitivo das artes e sciencias, caixa metrica, finteiros de metal para carteiras, caixas de solidos geometricos, Esse material que é todo de fabricação allemã tem hoje um valor inestimavel.

Devido ainda a incansavel actividade do dr. André de Araujo tem-se intensificado nos grupos escolares e escolas isoladas, a correspondencia epistolar entre os alumnos, a organização de museus, a confecção de trabalhos manuaes os mais diversos, a ins-

tallação de varios circulos de paes e professores, passeios e excursões de alto valor educativo.

No Instituto Benjamin Constant, hoje grupo escolar autonomo, foi installada a sociedade *Lar e a Escola* que promette beneficiar grandemente ás meninas alli internadas, tal o carinho que presidiu a organização da novel agremiação.

A REVISTA sente-se bem em registrar nas ligeiras notas que ahi ficam, a acção proveitosa do dr. André Vidal de Araujo, na direcção da Instrução Publica do Estado do Amazonas.

ESPARSAS

Novos socios da S. A. P.

Durante os meses de Abril e Maio foram propostos e aceitos como socios da Sociedade Amazonense de Professores:—dr. William Wilson Coelho de Souza, professoras Maria Victoria Bentes Tribuzy, Amelia Rodrigues de Miranda, Amelia Meirelles Pucú, Vicentina de Lima Ruas, Maria Menezes, Candida do Areal Souto, Maria de Lourdes Normando (contribuintes); srs. Murillo de Monte Hollanda, José Carlos de Moraes, Alfredo Andrade, Maria Rosalia de Carvalho, Alfredo José da Silva, Edson Theophiló Ramos (cooperadores).

Offertas á Bibliotheca

A Bibliotheca da Sociedade Amazonense de Professores foi enriquecida com as offertas seguintes:

Vida Higienica, magnifica collecção de quadros illustrados sobre a alimentação e o livro do mesmo titulo de Deodato de Moraes. *Testes A B C*, do prof. Lourenço Filho. Esses tres trabalhos nos fôram offertados pessoalmente pelo digno cavalheiro, snr. J. Alves Dias, representante da Companhia Melhoramentos de S. Paulo que, aqui esteve, em propaganda dessa conceituada firma nacional.

Dez volumes *Adão e Eva*, de Mercedes Dantas que nos fôram remetidas por intermedio de D. Eunice Serrano Telles de Sousa com a condição de o producto da venda dos referidos volumes, reverter em beneficio dos cofres sociaes.

Agradecemos, penhorados, a gentileza de tão valiosa offerta o que vem demonstrar que Mercedes Dantas não esquece seus companheiros de ideal que lutam nas fileiras da S. A. P.

Recebemos ainda os numeros 8 e 9 da «Revista Nacional de Educação», utilissimo mensario do Ministerio da Educação e Saude Publica e superiormente dirigido, pelo cientista Roquette Pinto.

Agradecidos.

Escola Nertutilla Prado

No dia 12 de Maio realizou-se, com a presença do Snr. Director Geral e do Snr. Inspector do ensino, a instalação solemne da escola «Nertutilla Prado» que veio substituir a escola localizada no final da ponte que liga a cidade ao bairro de Constantinopolis.

A escola é dirigida com muita efficiencia pela normalista Joanna Lima Verde da Silva.

Analyse dos elementos economicos capazes de promover num plano methodico o soerguimento do Amazonas

Conferencia realizada no *Ideal Club*, pelo Agronomo William W. Coêlho de Souza, sob os auspícios do Snr. Prefeito da Capital, na noite de 5 de Abril de 1934.

INTRODUÇÃO

Procurando corresponder á gentileza do convite do 1.º Tenente Snr. Emmanuel de Almeida Moraes, digno, activo e esforçado Prefeito desta Capital, para realizar uma conferencia que pudesse interessar ao publico amazonense, incluindo o meu trabalho, numa serie de palestras que pretende promover, proponho-me focalisar a importancia dos factores economicos, que já concorrem, ou poderão influir na grandeza futura deste Estado.

Dividirei o meu trabalho em tres partes: — Productos extractivos; Culturas existentes e a Fomentar; Medidas a serem adoptadas.

PRODUCTOS EXTRACTIVOS

BORRACHA — Ainda hoje apesar da debacle por que passou a borracha, é este um dos principaes productos amazonicos e pelo processo extractivo.

Se, ha 25 ou 30 anos atraz, quando a Amazonia era apenas o lendario «Inferno Verde», deveriamos ter abandonado o systema extractivo da Borracha, para subordinar-lo a methodos racionais de cultura da arvore, de extracção do latex, de beneficiamento deste, de embalagem, e classificação até os mercados de consumo, hoje, depois da rude lição do Oriente, que nos tirou a hegemonia da produção da Borracha no mundo, a permanencia no mesmo processo primitivo de exploração da Hevea, é uma manifesta insensatez.

A exploração dos seringaes nativos e longinquos, onde o homem tem a percorrer grandes extensões, para recolher aqui e ali, nas arvores disseminadas irregularmente no seio da selva bravia, certa porção de latex, o processo de coagula-lo, de preparar o producto e traze-lo até o mercado desta Capital; ainda as condições de vida difficil no seio da matta, a falta e carestia dos generos alimenticios, tornam o custo de produção de Borracha elevado e fazem com que esta não possa ser vendida com vantagem, a baixos preços.

Accrescentem-se a tudo isto os fretes caros dentro do Amazonas, os carretos, armazenagem, impostos e a serie de outras despesas, no Mercado de Manáos e teremos as côres vivas sobre o quadro negro das difficuldades em que se debate o problema da Borracha.

Que devemos fazer então? Abandonar completamente a exploração dos seringaes nativos, de chofre? Não.

Devemos substitui-los pelos *cultivados*. O exemplo de Ford, no Pará, e no Amazonas o da «Empreza de Plantação Ltda.» estão a indicar o unico caminho seguro a seguir, preparando á geração presente, como aos posterios, a tranquillidade de dias melhores.

O incentivo e amparo ás iniciativas, como a da «Empreza de Plantação Ltda.» — representam gesto de elevada sabedoria, aos poderes publicos do Estado, porque importa em assentar em bases verdadeiramente economicas a exploração das riquezas nativas.

Esta foi no passado e será ainda uma grande fortuna para o Brasil, no futuro, quando seringaieiros e Governos afinarem pelo mesmo diapasão, orientando os trabalhos de exploração da Borracha, pelos processos racionais de cultura, de beneficiamento e classificação do producto.

Não avanço no paragrapho anterior, proposição de méro effeito; minha convicção baseia-se no estudo retrospectivo do scenario economico do Brasil, do passado e do presente. Senão vejamos.

Fomos um dia na historia economica do Paiz, grandes productores de assucar. A' sombra da cultura da canna de assucar e no trabalho primitivo dos Banguês, o Brasil teve uma epoca de esplendor, de riqueza, de fausto, um verdadeiro periodo feudal-agricola. Quando malbaratavamos as fortunas accumuladas no supprimento de assucar á Europa, ali levantava-se em todos os paizes a cultura da Beterraba e cresciam as uzinas de fabricação deste tuberculo.

A America do Norte surgindo no scenario economico do mundo planta em larga escala, por methodos racionais, a canna de assucar; mais tarde, americanos, ingleses e hollandezes, em Cuba e Hawaii fazem surgir nas varzeas do archipelago, as grandes plantações, que dariam, como deram, por terra, com a cultura e a industria assucareira do Brasil.

Dos escombros da hecatombe, agravada pela lei de 13 de Maio, veiu a Republica tirar a industria da canna, fazendo-a resurgir com a criação dos «Burgos Agricolas», que se transformaram nas actuaes Uzinas de Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia e Rio de Janeiro.

O resurgimento da industria do assucar no Brasil, se consolidou através das medidas de protecção alfandegaria, que taxavam fortemente a entrada de assucar estrangeiro.

O Brasil não poude mais levar assucar aos mercados mundiaes, passou entretanto a produzi-lo, para attender ao consumo interno, que cresceu com o augmento da população em todos os Estados.

Identico facto passou-se com o algodão, cuja historia é em tudo semelhante a da canna de assucar e não vale á pena perder tempo em accentuar os detalhes.

Outro tanto deu-se com as laranjas da Bahia. Sabe-se que foram as laranjas bahianas, levadas para a California e ali cobrindo o seu solo, que substituiram com vantagem, as minas de ouro, exploradas no sub-solo e já então extinctas, quando surgiram os laranjaes. Foram os preciosos pomos de ouro, que avolumaram a riqueza da região e em porporções mais e mais solidas que o proprio metal.

Pois bem, muitos annos se passaram e os laranjaes do Brasil, que apenas serviram de ornamento aos quintaes das casas, sem nenhuma expressão economica, hoje crescem por toda parte, no Rio Grande do Sul, em São Paulo e noutros Estados e as laranjas entram nos mercados do Prata, como da Europa, e vae constituindo o commercio de fructas uma apreciavel fonte de riqueza interna no Paiz e de entrada de ouro para as nossas permutas commerciaes.

Citei estes exemplos rapidos ao correr da penna para mostrar que, apenas no caso da Borracha, como do Café, a historia se está repetindo e nós que não soubemos evitar os seus effeitos, devemos ao menos tirar

partido das lições do passado nas suas consequencias; e já que perdemos num e noutro caso a hegemonia da produção universal destes productos, devemos ter o bom senso de procurar pôr em pratica medidas que nos permittam produzir os mesmos artigos, noutras condições mais economicas.

E então, nos iremos satisfazer com os saldos do consumo universal; já que perdemos por incuria, a primitiva preponderancia dos mercados.

Será, porém, rematada insensatez, requintada imprevidencia, cegueira á verdade, persistirmos em erros do passado na epoca da machina, na qualidade fina, do producto limpo e classificado, bem apresentado e a baixo custo. A concorrencia longe de ser desanimio, deverá ser incentivo para os homens prudentes e reflectidos.

O Brasil deverá apparelhar-se para attender as exigencias dos mercados consumidores, procurando ter bom producto, a baixo preço.

Dentro desse ponto de vista é indispensavel substituir o processo primitivo da extracção do latex e procurar cultivar a *Seringueira*, em plantações methodicas.

PROVIDENCIAS A TOMAR — A primeira dellas é a cultura systematica da seringueira, abandonando-se gradativamente os seringaes nativos pelos cultivados, que terão a vantagem economica de reunir numa dada area de terra, maior numero de arvores, permittindo regular a produção e systematisar a collecta do latex.

Como não ha grandes capitaes, que se queiram inverter em semelhante aventura, então o Governo do Estado deverá amparar as organizações que se façam ou se proponham realizar tão acertado objectivo.

Como são iniciativas que começam, o Governo deverá estar vigilante da futura qualidade da borracha a obter. Não bastará plantar seringueiras; seria fazer obra empirica sem technica e por isso condemnavel.

As culturas permanentes ou annuaes que se fazem hoje no mundo deverão estar sujeitas aos trabalhos de *selecção, melhora-mento*. No caso presente da Borracha ter-se-ia de proceder á *selecção*. Esta teria em vista: — a maior productividade de latex das seringueiras; a maior duração das arvores, e portanto, sua resistencia ás intemperies: —

ventos, enxurradas (erosão), enchentes dos rios, insectos e cryptogamicos; a precocidade das arvores: — o crescimento; e a qualidade do latex. Na technica moderna todos esses factores são importantes a considerar e deverão ser tomados em conta.

Estou informado de que os technicos de Ford, na Fordlandia, conhecendo o papel do que acabo de dizer, não plantaram quaesquer seringueiras; ao contrario, sabendo ou verificando que havia uma variedade especial, mandaram buscar no Acre sementes de arvores dessa variedade e fizeram seus viveiros e plantações definitivas.

E isso porque não basta formar seringueiras plantados, invertendo fabulosas sommas; é preciso que taes culturas representem o maximo de valor economico, seja nas qualidades das arvores, seja na do producto que irá dar.

Iniciativas orientadas sem esse duplo criterio technico e economico, são falhas na sua essencia.

E para attender a semelhante particularidade cumpre ao Estado zelar pelo exito futuro de taes empreendimentos agricolas, prestando-lhes a necessaria assistencia technica.

Como não temos technicos especialistas na cultura das arvores de Borracha, como a seringueira, é dever do Estado prepara-los. E para tanto, depois de promover a obtenção, pelos meios competentes, da autorização dos dirigentes da Empreza Ford, o Governo do Estado collocaria um ou mais agronomos, acompanhando os trabalhos dos technicos de Ford. Ninguem pense que na Fordlandia apenas se planta a seringueira; ali trabalha um escolhido corpo de especialistas, recrutados no Oriente, tanto da parte cultural, como chimica de preparação do latex. Os nossos profissionaes passariam na Fordlandia um ou dous annos, estudando ao lado dos technicos americanos os detalhes da cultura da seringueira. De posse de taes conhecimentos viriam applica-los nas culturas do Amazonas.

Se não procedermos deste modo faremos obra empirica, insubsistente, e que apresentará os inconvenientes das actuaes plantações de café, do Brasil, onde ha numa lavoura, diversas variedades. Semelhante divergencia de aspectos morphologicos, influe na productividade, na maturação dos fructos, na duração das arvores, na sua resistencia ás

intemperies e tratos culturaes. O mesmo se poderá dizer que acontece a todas as nossas culturas permanentes, desde o café, o cacão, até ás arvores de pomar; como a todas as culturas annuaes; o algodão, o milho, o arroz, o feijão; ás de cyclo mais longo como a mandioca e a canna de assucar.

O Brasil tem vivido os seculos de sua existencia como Nação, entregue á rotina nos trabalhos agricolas; por isso em dous seculos de cultura cafeeira, não se apercebeu dos inconvenientes acima apontados, apenas verificados a partir de 1927 e de lá para cá se tem estado a corrigi-los. Entre as culturas mais antigas, como as da canna, as plantações têm touceiras de todas as variedades, com caracteres e qualidades diferentes; o mesmo acontece ao algodão, ao milho, aos cereaes e outras. Tudo fructo da ignorancia e da rotina em agricultura.

Pois bem, o Amazonas, que está começando agora por incrementar a produção dos seus generos agricolas, poderá faz-lo em bases mais seguras e racionais, procurando aproveitar a lição do nosso triste passado economico, onde os erros se avolumam em massas consideraveis. Principalmente poderá orientar os seus problemas em fundamentos racionais, criteriosos e scientificos, tirando partido dos conhecimentos modernos e applicando-os.

Não o fazer será relegar para plano secundario a experiencia brasileira e de outros povos, será a persistencia na rotina, no empirismo desastroso, no erro condemnavel.

INDUSTRIALISAÇÃO—O problema da Borracha comporta outras questões.

Depois da parte agricola e de obtenção do latex, é preciso ter em vista o do primeiro beneficiamento do producto.

Como não se deverá na epoca actual pensar em manter o processo extractivo da seringueira, tambem não se poderá economicamente pretender continuar a exportar-la em bruto, ou seja conduzindo agua e as impurezas que traz dos seringaes nativos ou mesmo cultivados.

Quando tenhamos de exportar a Borracha, simplesmente como materia prima, ella deverá deixar aqui, a agua e as impurezas que conduz, afim de não sobrecarregar a mercadoria com o onus do transporte de taes corpos estranhos. E' este o seu primeiro beneficiamento industrial.

Deve-se criar a industria local dos productos da Borracha, como meio de dar applicação á produção dos seringaes ora existentes, ou dos que se venham a formar.

Entretanto, já seria um grande passo o amparo ao primeiro beneficiamento da borracha bruta a que me referi linhas acima.

OUTRAS MEDIDAS—A Associação Commercial em memorial apresentado ao Governo do Estado, cujos excerptos foram publicados na Revista da mesma corporação e no numero de Janeiro do corrente anno, suggerre:—«Obrigatoriedade de consumo do pneumático e da camara de ar de fabricação nacional nos vehiculos officiaes, inclusive do Exercito».

Parece-me uma medida justa, tanto que o senhor Prefeito Municipal tornou obrigatorio o uso do pneumático nacional nos automoveis da Prefeitura, providencia louvavel, que tem como consequencia o barateamento do artigo estrangeiro, cujos limites de preços, baixaram até atingir os do producto nacional

Vou mais além, no Brasil se deve proteger com tarifas especiaes, todos os productos industriaes, que applicuem Borracha; porque isso importa em favorecer o augmento do consumo da mercadoria e portanto propiciando oportunidades para o nosso Paiz que é productor dessa materia prima.

Outra providencia de relevancia seria a classificação commercial da Borracha, de cuja materia tratarei em capitulo proprio.

CASTANHA—No Brasil não temos tirado o devido partido deste producto. E' mal conhecido, pouco consumido e o seu valor nutritivo não é levado em conta.

Desde esta cidade, até ás nossas mais importantes Capitães, como Rio de Janeiro e São Paulo, a castanha era até ha pouco tida como artigo de luxo, em razão do seu alto preço.

Quando sahi de São Paulo em principios de 1931, a castanha era pouco usada; hoje graças á intelligente propaganda que vem fazendo nas praças do sul do Paiz a Associação Commercial, deste Estado, o producto já se vae tornando conhecido.

Nas remessas que fez esta entidade, em consignações de propaganda, foram enviadas cerca de 40 toneladas para São Paulo, na proporção de 335 hectolitros; Rio de Janeiro, 100 hectolitros; Porto Alegre, 100 hectolitros; Minas Geraes, 40.

Só uma firma achava que poderia consumir 200 scs. por mez, afim de serem enviadas para Santos, Argentina, Rio Grande e o interior paulista. E dizia que da castanha descascada poderia consumir ou collocar 1.000 scs. por mez.

Aqui não se consome a castanha sob a allegação de que é um producto «quente», entretanto, usam-se abusivamente todas as carnes, inclusive a de porco, de tartaruga e pirarucú; todas muito gordurosas e altas productoras de calorías,

Ora, é ponto pacifico em trophologia, que os oleos e gorduras de origem vegetal, como os das nossas nozes, são de mais facil digestão, menos nocivos ao organismo humano, do que os provenientes dos animaes.

Nas mesas brasileiras come-se por exemplo, pelo Natal, nas cidades do Sul, a castanha portugueza, producto cosido, desvitalizado, indigesto e caro; e pouco usamos a castanha do Brasil.

Do ponto de vista climaterico é tão nocivo o uso da castanha portugueza, como o da castanha do Brasil; ambas contêm oleo e produzem calorías, em epocas de calor, como é a do Natal do Sul.

O uso da castanha portugueza deriva talvez de snobismo, caracterizado pela imitação de habitos alimentares da Europa na epoca do Natal.

Todos esses erros palmares resultam de dous factos; primeiro, da ignorancia do problema alimentar; depois, da falta de uma intensa propaganda da castanha do Brasil.

Desta ultima circumstancia decorre o desconhecimento do valor nutritivo da castanha do Brasil.

Sem nenhum favôr foi ella considerada a noz mais rica do mundo. As substancias albuminoides que contêm, segundo os trabalhos de divulgação da Associação Commercial, na razão de 17 0/0; as gorduras, na de 67 0/0; os hydratos de carbono, na de 3,80 0/0; o acido phosphorico, na de 1,5 0/0 e os saes calcareos, na de 0,7 0/0, dão-lhe relevo especial do ponto de vista nutritivo, como alimento.

Apresentam especial importancia no nosso meio os dous ultimos elementos:— assim, enquanto as nozes de nogueira possuem 0,9 0/0 e as avelãs 0,8 0/0 de acido phosphorico a castanha tem como vimos 1,5 0/0.

Quanto aos saes de calcio as nozes de nogueira apresentam 0,2%, as avelãs 0,4% e a castanha 0,7%.

Quando se considera a pobreza dos productos alimentares usados no Brasil em saes de calcio e se tem em vista as necessidades dos phosphatos de calcio para o organismo humano é que se destinam á formação do esqueleto, dos dentes e das unhas, podemos então avaliar devidamente a importancia alimentar da Castanha do Brasil, que em 200 grammas leva para o nosso organismo tudo quanto elle precisa de substancias albuminoides e graxas.

A um alimento de tamanha valia para a nutrição do organismo não damos o devido apreço nem mesmo nos Estados que o produzem.

Neste particular impõe-se a necessidade de uma propaganda muito intensa em todo o paiz, a partir das Escolas, Instituições collectivas e pela imprensa. E desde esta Capital.

E' lamentavel que o americano e o allemão conheçam, apreciem e usem mais a Castanha do Brasil, do que nós.

Entretanto, bebe-se o wisky no clima tropical do Amazonas; abusa-se impune das gorduras e do uso da carne, descurando o aproveitamento da Castanha, o precioso alimento que a natureza poz generosamente ao alcance do homem.

Impõem-se no encaminhamento deste problema, as soluções seguintes:

1.º) — Reorganisação do Instituto da Castanha, interessando-se os Estados productores: — Amazonas, Pará, Acre, Matto-Grosso e o Maranhão; como bem lembrou a Associação Commercial, no seu já citado trabalho;

2.º) — Cultivo sistematico da Castanheira, e onde tenha ampla applicação a technica moderna, partindo do *melhoramento*, até a colheita;

3.º) — A classificação commercial, methodica do producto.

MADEIRAS — A exploração das madeiras methodicamente feita seria fonte preciosa de renda para os particulares e para o Estado.

Não vejamos, porém, nessa industria a galinha dos ovos de ouro, que poderá fornecer impunemente rendas ao erario publico.

Encaremos o problema com intelligencia e superioridade de vistas; elle comporta largas considerações.

Todavia, como desejo tratar ainda de outros assumptos procurarei ser breve neste importante capitulo.

A exploração das madeiras constitue grande fonte de receita nos Paizes do norte da Europa, na França, na America do Norte, no Canadá e na Australia.

A industria das madeiras foleadas representa uma riqueza apreciavel nos mencionados paizes.

Houve, um momento, com todas as difficuldades que o problema regional da exploração das madeiras e o seu transporte apresentam, que ellas atingiram facilmente os mercados do Sul e principalmente o Pará exportou para aquelles muita madeira.

A felicidade durou pouco — O Estado suffocou a iniciativa particular, os impostos que sobre o producto recahiram, como os fretes que os vapores passaram a cobrar, reduziram ás minimas proporções as possibilidades do negocio, que soffreu consideravel baixa. E assim o extremo norte passou a exportar muito menos madeiras do que a principio.

Deve-se ter em vista que a exploração de madeiras racionalmente levada a effeito pelos particulares, intelligentemente amparada pelos poderes publicos, será durante muito tempo magnifica fonte de rendas para as duas partes, em razão das consideraveis reservas florestaes que possui o Amazonas.

Cabe aqui uma advertencia prudente. Actualmente o que se está fazendo é a devastação vandalica das mattas virgens, sem uma verdadeira finalidade economica e com graves prejuizos para um futuro não muito remoto. Uns derribam a matta, plantam suas roças primitivas, ás margens dos rios lagos e paranás. Em ambos os casos os antigos terrenos antes cobertos pelas florestas espessas, ficam a descoberto.

Duas consequencias funestas decorrem de tão clamorosa imprevidencia. A primeira, de effeitos immediatos; quanto mais se devastam pelas derribadas os terrenos ás margens dos grandes rios da bacia Amazonica, como de todos os riachos, lagos e paranás que a constituem, mais influimos para o augmento constante do phenomeno da erosão e com elle do arrastamento do resto das florestas e dos terrenos. A maneira de evitar ou reduzir semelhantes prejuizos, seria decretar um acto prohibindo as derribadas ás margens dos rios, riachos, lagos e paranás,

deixando-se entre aquellas e a terra firme interior, uma orla de matta de 15 a 10 metros de largura minima.

O segundo phenomeno e não menos importante, é o da approximação da zona das seccas até a bacia Amazonica. Talvez faça pasmar a muitos tão extravagante affirmativa. Aquelles que estão familiarizados com o estudo da atmosphera que envolve a terra e que acompanham esta materia, sabem que se está realisando um deslocamento dos gelos dos dous polos da terra; e mais, que os anti-ciclones que se formam no polo sul, e que influem sobre a precipitação das chuvas na parte sul do continente americano, caminham, deslocam-se, cada vez mais para o norte. E quanto mais avançam para cima do continente, vão conduzindo para mais longe as nuvens carregadas de vapores d'agua, que poderão cahir sobre a terra sob a forma de chuvas. Nestas condições, quanto mais avançam, — maior ficará a zona de secca, — a zona attingida pelas seccas, ou seja aquella onde os anti-ciclones não permitem cahir as chuvas.

Ora, o Amazonas despojando-se das suas florestas, num crescendo constante, deixa de ter, na atmosphera mais proxima do seu valle, o ambiente frio — das suas altas camadas, o que tambem concorre para a precipitação local das chuvas. E' preciso que se saiba, as chuvas só podem cahir num ambiente frio; quando o ar está secco, não chove.

E não havendo esta zona fria do ar, para contrabalançar os rigores do calor do sol desta região, os vapores d'agua que são arrastados pelos anti-ciclones, caminharão para deante do Amazonas, até encontrar o ambiente frio, que permita a sua precipitação sob a forma de chuvas.

Não se trata no caso de méras hypotheses theoricas. Os factos scientificos que acabei de resumir, estão amplamente discutidos pelos scientificos, que se preoccupam com taes estudos.

Não chove no nordeste em razão de se levantarem de suas immensas varzeas desnudas, fortes correntes de ar secco, que, se elevando aos ares, impellem para longe os anti-ciclones.

Não será absurdo admittir a hypothese da ascensão do phenomeno até o Amazonas, quando sabemos que, o Ceará, o Piauí, o Maranhão, o Pará, o proprio Amazonas,

possuem nos seus territorios, ao par de uma orla de matta, proxima á costa e ás margens dos seus grandes rios, tambem vastas extensões de campos, planicies, varzeas, que são os reservatorios de formação constante dos vapores seccos que se alçam á atmosphera local, ressecando-a e afastando as probabilidades das chuvas, em consequencia do deslocamento dos anti-ciclones,

A um quarto de seculo atraz os amazonenses não poderiam acreditar na possibilidade de que um dia a Amazonia podesse vir perder a hegemonia da Borracha; pois bem, o vaticinio não é meu, é dos scientificos, que têm estudado a atmosphera sul-americana, apenas, o repito neste trabalho. A zona das seccas tende a attingir o Amazonas, talvez num futuro muito proximo, se continuarem a se registrar os phenomenos que se vinham observando na atmosphera da terra, nesta parte do continente americano.

Seria o caso de evitar todos os inconvenientes apontados procurando explorar methodicamente as mattas, derribando as madeiras de lei, devastando a mataria de madeiras inuteis, e replantando as essencias de valor. Para isso o Estado se habilitaria com hortos que podessem fornecer mudas aos interessados. Estes formariam as novas florestas plantando pastagens e sobre estas, enquanto cresciam as novas mattas se cuidaria da criação. E' possivel conciliar as duas cousas, principalmente a criação de cavallares e ovinos. Neste caso se procurariam sempre para replantio as essencias de valor. Tambem nos primeiros tempos de formação das novas mattas poder-se-ia cuidar da cultura de plantas annuaes: o algodoeiro, os cereaes, a mandioca, etc.

As medidas de ordem geral poderiam abranger os pontos seguintes:

1.º) — Promover o Estado a organisação entre os madeiros, de uma entidade como a Cooperativa, que aqui se fundou para a exploração da essencia de páo rosa.

2.º) — A aparelhagem moderna das serrarias, com machinismos efficientes, segundo os termos da proposta do memorial da Associação Commercial, que parece justa e razoavel.

3.º) — A classificação commercial de todas as madeiras exportadas.

PIRARUCÚ — A industrialisação do Pirarucú poderá ser um alto negocio para o Amazonas.

O Brasil pagou ao estrangeiro em 1930, cerca de 75.365.927\$000 e em 31.48.217.274\$000, pela importação de bacalhão e xarque. Pois bem, toda a parte de taes valores referente ao bacalhão, poderá ficar no Paiz com a industrialisação, do Pirarucú.

Para isso dever-se-iam montar uzinas fluctuantes, em vapores considerados impracticáveis á navegação.

Em taes uzinas extrahir-se-ia o oleo da carne e do fígado; secar-se-ia os phosphatos para adubação das terras, a kola para marcenaria; aproveitar-se-ia as escamas e todos os residuos do peixe industrialisaveis. E procurar-se-ia pela secagem racional dar uma bôa apparencia ao producto, como ainda fazer uma embalagem racional.

A vantagem do Brasil decorreria da possibilidade de deixar de importar o bacalhão do estrangeiro.

Sou dos que entendem que os Paizes devem viver da troca ou intercambio de mercadorias que não possam produzir.

A titulo de acorçoamento e como ha interessados no sul do Paiz, em vir explorar o Pirarucú do Amazonas, conviria o Governo do Estado baixar um decreto concedendo os favores de sua alçada, mandando depois publicar semelhante acto nos Diarios Officiaes dos Estados por intermedio dos respectivos Interventores Federaes.

CULTURAS PERMANENTES EXISTENTES NO ESTADO

CACÁO—Do que tenho podido observar falta em absoluto a technica na exploração deste producto. Desde a *selecção*, que em geral não é applicada, até a questão de espaçamento e de sombreamento.

Notei por exemplo nos cacáoas do Careiro, a «Podridão Negra dos Fructos», — «Phytophthora faveri Maubl». Esta molestia se origina do excesso de humidade sob as arvores e da falta de luz. A proximidade exagerada das arvores favorece o ambiente humido em que o citado cyptogamico se desenvolve rapidamente.

Naturalmente plantações fortemente infestadas como as que observei, constituem seria ameaça á cultura do cacáoero.

O problema amazonico do cacáo comporta a meu ver as soluções seguintes:

1.º—O fomento da cultura systematica do cacáoero em nucleos agricolas bem or-

ganisados, como os que se pretende fundar no Estado;

2.º—As novas plantações deverão rigorosamente ser feitas, com mudas provenientes de sementes seleccionadas; o contrario é fazer obra empirica e fadada ao fracasso;

3.º—Emprego das praticas racionais, como sejam: a plantação methodica, espaçamentos convenientes, aberturas de covas de tamanho regular, longa exposição destas aos agentes atmosfericos, adubação das covas antes de plantar, quando for possivel, podas de formação, de fructificação e de conservação, selecção, colheita racional, sécagem e beneficiamento do producto.

4.º—Classificação commercial do cacáo.

CAFÉ—Segundo os dados que pude compulsar ha no Estado 2.000.000 de caféiros em franca producção e conforme refere o Dr. Caetano Cabral, no seu memorial impresso de 1933.

Por toda a parte onde tenho andado vejo o caféiro sempre bonito e carregado, mostrando ser uma cultura digna de apreço no Estado.

O problema do Café requer como solução as medidas seguintes:

1.º) A necessidade do ensinamento de que as arvores do caféiro requerem cuidados de poda, capinas e conservação;

2.º) Ensinamento de como se deve fazer a colheita racional do café, o despoltamento, a secagem e o beneficiamento;

3.º) Instalação em Manãos, de uma Uzina de beneficiamento do café, onde se fizessem o despoltamento e as operações subsequentes;

4.º) Fiscalisação sobre as torrefações e o commercio do café, torrado e moido, nos termos da legislação federal que rege a materia.

CULTURAS A FOMENTAR

Tratei até aqui propriamente dos productos naturaes do Amazonas a explorar racionalmente.

Occupar-me-ei a seguir de outros que se poderão incrementar no Estado.

Antes, convém lembrar que na primeira categoria deverão merecer as honras de uma cultura racional, como demonstrei: a seringueira, a castanheira, as madeiras, o cacaoeiro, o caféiro; como ainda outros, a quina, o puxuri, o *cumarú* e o *guaraná*, estes ultimos de largo consumo medicinal e indus-

trial no Paiz e que merecem por isso a attenção num plano de trabalhos agricolas racionais.

Entre os productos que desejo destacar neste capitulo, indicarei em primeiro logar as PLANTAS TEXTEIS. E entre estas o algodoeiro.

A natureza por toda a parte está a indicar pela vestimenta dos terrenos, ricos em malvaceas silvestres, a adaptabilidade do algodoeiro ao meio amazonico. Ainda mais em todos os pontos que tenho percorrido hei visto o algodoeiro vicejando bem. Encontrei quer as especies arbustivas do Paiz quer as variedades americanas.

E' verdade que a vegetação do algodoeiro nas terras amazonicas, vistas por mim, indicam excesso de azoto, como falta de phosphoro e potassa, nos solos desta região. Phenomeno este natural em razão do effeito da erosão e das queimadas constantes nos mesmos terrenos.

Nada ha de extraordinario no phenomeno, os conhecimentos scientificos praticos do homem, devem justamente vir em auxilio da natureza, corrigindo os seus defeitos. Não podemos esperar sempre que seja perfeita em todos os seus aspectos a obra da natureza. O homem deverá intervir completando-a.

Quanto me possa habilitar a experiencia para falar, considero magnificas as terras e o meio amazonico para a cultura do algodoeiro corrigindo-se os defeitos naturaes do solo acima apontados. Os detritos organicos e phosphatos do lixo, os residuos do matadouro e as carapuças das tartarugas, darão phosphatos facilmente preparáveis e a preços economicos e que se poderão utilizar com proveito para corrigir as deficiencias dos terrenos.

Tudo quanto é preciso neste particular é facil de obter economicamente.

O Amazonas poderá vir a ser um grande productor de Algodão. E o algodoeiro se poderá vantajosamente plantar em consociação com as colheitas permanentes, como as da castanheira, da seringueira, do cacaoeiro, do caféiro e outras.

FABRICA DE TECIDOS DE ALGODÃO—O algodão que o Amazonas possa produzir poderá depois ser exportado para outras praças, como o Estado poderá ainda promover a installação de Fabricas de Tecidos de algodão.

Devo signalar de passagem que o Amazonas, em razão do seu ambiente quente e humido, se acha em condições excepcionaes, para a montagem de Fabricas de Tecidos finos de algodão, como sejam por exemplo as de morins finos.

A decretação de medidas que promovam a montagem de Fabricas desta especialidade seria um passo seguro na senda do progresso, e não uma aventura duvidosa.

Como nada ha feito, quer em relação á cultura systematica do algodoeiro e quer em relação á industria, uma e outra poderiam ser estabelecidas em bases racionais.

Quanto á primeira poder-se-ia applicar o que a experiencia aconselharia fazer de pratico e lucrativo. O mesmo quanto á industria.

Na parte cultural, partir-se-ia de sementes seleccionadas em outros meios, cuja selecção seria continuada aqui. Adoptar-se-ia todas as praticas culturaes que a experiencia aconselha. E fundar-se-ia uma cultura em bases seguras.

OUTRAS PLANTAS TEXTEIS—Completando o trabalho promover-se-ia a cultura de outras plantas texteis, cujos especimens já encontrei aqui dentre as malvaceas, bromeliaceas, urticaceas, liliaceas.

Estas especies seriam igualmente objecto de culturas systematicas, em grande escala. Pretendo dentro de breves dias iniciar no campo da Prefeitura viveiros de algumas dellas. Obtidas as primeiras mudas e multiplicadas seriam levadas ao terreno da grande cultura.

Com uma area de 100 hectares, poder-se-á obter 2.000 kilos de fios, preparados, o que representa já um grande resultado. Em 50 hectares poder-se-á ter a metade daquelle algarismo. Num plano methodico ter-se-ia as plantas capazes de produzir fios semelhantes ao *Palm-beach*, aos de *linho* e os mais grosseiros seriam destinados á fabrica da sacaria, em substituição á juta indiana. Ficaria um residuo representado pela materia-prima destinada á fabrica da *celulose* para a industria do papel.

Só este producto daria renda suficiente pelo seu grande volume na producção acima estimada, para cobrir todas as despezas que se fazem necessarias para a preparação das fibras referidas.

Interessante, as fibras mais finas pagariam todas as despesas da cultura, a *celulose*, as do beneficiamento, isto quer dizer que as fibras para sacaria ficariam de graça e portanto teríamos sacos de anagem para transporte de todas as mercadorias aqui produzidas e por produzir a um preço mínimo.

Note-se mais que a cultura das plantas principaes é de caracier permanente, depois de formada bastará capina-la e colher as folhas. Dão corte com seis mezes e depois de um anno a cultura estará completamente formada.

Todas as quantias invertidas na cultura, no beneficiamento da fibra, na serie de operações que comprehendem o desfibramento, ficarão cobertas com a renda da exploração. Ha nesta afirmativa tamanha segurança, baseada no estudo e observação, que não tenho o mínimo receio de faze-la; pelo contrario, toda confiança no que digo. Estudei amplamente este assumpto nos seus mínimos detalhes.

FABRICA DE TECIDOS SEMELHANTES AOS DE JUTA — Ainda aqui apparece outra possibilidade para a formação do futuro «Parque Industrial do Amazonas».

Poder-se-ia, quando estivesse perfeitamente fundada a cultura das plantas texteis que se podem *systematisar*, conforme penso, promover a fundação de uma Fabrica de Tecidos semelhantes aos de juta.

Este seria o passo para o segundo anno de trabalho, depois de haver preparado o suprimento da materia prima.

Digo de tecidos semelhantes aos de juta, porque a materia prima nacional que se poderá obter será melhor que o producto indiano que importamos para o Brasil, na proporção de cerca de 35 milhões de kilos, nos quaes se invertem perto de 50 mil contos ouro.

Num trabalho methodico, o Amazonas poderia apparellar-se para suprir o Brasil de todo o fio desta especialidade de que precisam suas industrias.

Com este gesto concorreria o Governo do Estado para reter no Paiz o ouro do Brasil, com o qual annualmente compramos o producto indiano.

Outros detalhes deste assumpto poderão ser apresentados, se despertar a attenção do Governo, o que acabo de referir.

OUTRAS CULTURAS — Das culturas annuaes merece destaque a do arroz, que deverá continuar a ser incrementada para o abastecimento do Estado, na base do fornecimento de sementes seleccionadas aos lavradores.

A da mandioca tambem deverá merecer attenção para a fabricação das farinhas, dos polvilhos, como o do alcool-motor,

O mesmo quanto a da canna de assucar, para a industria do assucar, para a industria do alcool-motor.

A proposito deste ultimo assumpto, seria util que o Governo do Estado, baseado na legislação federal sobre a materia, baixasse um acto, estabelecendo favores ás empresas que se propuzessem a fabricar o alcool-motor.

BABASSÚ — Embora producto nativo e de industria extractiva, incluo-o nesta parte porque entendo que o mesmo deveria ser plantado racionalmente, como propuz para os demais. Além de tudo que já conhecia sobre o Babassú, durante o periodo que estive como Director de Agricultura, no Maranhão, estudei bem a situação deste producto.

E a seu respeito aconselharia fazer-se o seguinte:

- 1.º cultura systematica em terrenos e zonas apropriadas;
- 2.º fundação de centros de exploração de côcos com todas as características de uma organização methodica;
- 3.º montagem de machinas americanas do typo «Repp», para quebrar o côco em grande quantidade e nos centros acima referidos;
- 4.º montagem de camaras de expurgo da amendoa, annexas ás uzinas;
- 5.º concessão de terras e de favores ás Empresas que se propuzessem a realizar o programma supra traçado.

O Governo do Estado poderia como attractivo para o encaminhamento da solução do problema, decretar as medidas constantes do numero cinco.

Parece-me que esta seria a maneira de chamar capitalistas de fóra, que se propo-nham a explorar racionalmente o babassú.

SEMENTES OLEAGINOSAS DIVERSAS — No mesmo caso do babassú se acha o immenso repositório de plantas que possuem sementes oleaginosas, como a Bacabeira, o Patauá, Urucury, Umary e muitas outras.

E' preciso tambem neste caso a decretação de um acto, dando favores ás Empresas que se proponham a explorar os mencionados productos e outros da mesma natureza.

Seria, como no caso anterior, esse o meio de attrahir para o Amazonas, os capitalistas nacionaes ou estrangeiros, que se propuzessem a explorar taes riquezas ora perdidas.

O Estado no momento pouco ou nenhum interesse commercial auferê da existencia de taes productos. E' preciso, pois, despertar sobre elle o interesse daquelles que o podem aproveitar industrialmente.

E' facil de ver que nenhum prejuizo no momento haverá para o Estado com a promulgação de um decreto parcial ou amplo, estabelecendo as vantagens e favores a que me referi nesta exposição.

ENSINO AGRICOLA — Considero esta parte basica e de capital importancia.

Precisamos criar no Estado o ambiente favoravel á Agricultura, através das Escolas. Abater a rotina, levando pela infancia e a juventude de hoje, para os campos, amanhã, uma mentalidade nova, formada através das Escolas num ambiente de trabalho progressista da terra, de methodos racionaes de exploração agricola.

Precisamos mostrar que só é possível vencer hoje na concorrência mundial apresentando productos bons, de qualidades finas e classificados.

O reinado da rotina passou e só pela technica se poderá obter victoria.

A agricultura moderna não é mais a arte rude, que nos legaram nossos maiores. E' uma sciencia que joga com os mais variados conhecimentos.

No seculo em que vivemos o progresso ascendeu a um grão tão elevado, que se manifesta em todas as actividades que cercam a vida do homem. A agricultura não podia fugir a este fatalismo.

Temos de abandonar a rotina e procurar applicar a sciencia nas suas formas praticas, simples e uteis.

Para que no Amazonas seja possível a implantação methodica do progresso na agricultura, o primeiro passo é derramar em todas as camadas do povo os conhecimentos modernos dos methodos economicos de trabalhar a terra.

Dentro de tal objectivo o Ensino Agrícola comprehenderia:

- 1.º melhoramento do curso de Agronomos, da Escola de Agronomia, util iniciativa aqui existente;
- 2.º fundação de um Aprendizado Agrícola.
- 3.º Creação da cadeira de Agricultura na Escola Normal, num curso de cerca de 50 lições, para as professoras da Capital e os alumnos do 5.º anno, do Curso Normal;
- 4.º Ensino de Agricultura em todas as escolas primarias da Capital e do interior, mantendo culturas de jardins, hortas e pomares, em todos os quintaes annexos aos respectivos predios e pondo em pratica os conhecimentos adquiridos no Curso de que trata o numero anterior;
- 5.º Ensino de Agricultura no Instituto Benjamin Constant, que se transformaria numa Escola Normal Profissional Agricola, mantendo os cursos de jardinocultura, horticultura, pomicultura, apicultura, avicultura e aproveitando-se todos os elementos alli existentes.

Executado fielmente esse modesto plano teria o Estado em bases economicas, talvez dentro das rendas dos proprios Estabelecimentos, o Ensino Agrícola, nas suas tres modalidades: — primario, medio e superior, todos perfeitamente aparelhados e efficientes.

Desta maneira com os elementos ora existentes e criando os necessarios, poder-se-ia realizar uma grande obra, de efeitos duradouros para o Amazonas e num futuro proximo.

CLASSIFICAÇÃO COMMERCIAL — Esta consiste em referir uma amostra de determinado producto, a padrões officiaes, caracterizados e divididos por typos, segundo as qualidades intrinsecas do producto e o seu aspecto.

A Classificação Commercial constitue a garantia reciproca entre o comprador e o vendedor. Por meio della aquelle sabe o que compra e este o que entrega.

A garantia referida acima é assegurada pelo certificado de classificação, onde um technico official, declara sob sua responsabilidade profissional, a qualidade que verificou ter o producto que examinou.

A imprensa pernambucana e a "Revista"

De passagem para o Rio, a bordo do *Afonso Pena*, estiveram entre nós, em dias da semana passada, o dr. Teles de Sousa, e sua ex.^{ma} sra. d. Eunice Serrano Teles de Sousa.

Em visita á nossa redacção o dr. Teles de Sousa teve occasião de nos ofertar alguns exemplares da magnifica *Revista de Educação*, editada em Manaus e servindo aos interesses culturais daquela cidade.

A *Revista de Educação* é dirigida pelo professor L. Baumann e já se acha no seu terceiro ano de proveitosa existencia.

(Do *Diario de Pernambuco*, 27/12/33.)

Revista de Educação

Recebemos alguns exemplares da *Revista de Educação*, que se publica em Manáos, como Organ Official da Sociedade Amazonense de Professores.

Publicação muito interessante, do ponto de vista pedagogico, a *Revista de Educação* nos foi ofertada pela sra. Eunice Serrano Teles de Sousa que, em companhia do seu esposo dr. Teles de Sousa, ex-director do Gymnasio Amazonense, transitou, ha poucos dias, pelo nosso porto, a bordo do *Afonso Penna*, em demanda do Rio.

(Do *Jornal Pequeno*, 27/12/33.)

Revista de Educação

Recebemos, por gentil offerta da sra. Eunice Serrano Teles de Sousa, vice-presidente da Sociedade Amazonense de Professores, alguns exemplares da interessante *Revista de Educação*, que se publica em Manáos e se dedica a assumptos de instrucção.

A sra. Eunice Serrano Teles de Sousa viaja, a bordo do *Afonso Penna*, para o Rio, em companhia do seu esposo, dr. Teles de Sousa, até bem pouco tempo director do Gymnasio Amazonense e figura de grande destaque nos meios intellectuaes de Manáos.

Agradecidos pela offerta.

(Do *Jornal do Recife*, 27/12/33)

Revista de Educação

Temos em mãos os numeros de junho, agosto e outubro da bem feita *Revista de Educação*, que se edita em Manáos, como

orgão da Sociedade Amazonense de Professores. Publicação de grande utilidade e que nos põe a par de todo o movimento cultural do Amazonas, a *Revista de Educação* é dirigida pelo professor L. Baumann e já se acha no sen 3.^o ano de existencia.

Os referidos exemplares nos foram gentilmente ofertados por d. Eunice Serrano Teles de Sousa, vice-presidente da Sociedade Amazonense de Professores e que esteve entre nós, de passagem para o Rio, a bordo do *Afonso Pena*, em dias da semana passada.

(D'O *Estado*, 27/12/33.)

CONSELHOS HYGIENICOS

Decalogo da saude

1.^o Não sacrifiqueis a vossa saude ao prazer da gula.

Lembrae-vos de que comemos para viver e não para morrer. Não transformemos a mesa na ante-camara da morte.

2.^o Não comeis no clima quente do Amazonas só alimentos cosidos e productos animaes, taes como: a carne de gado, de pirarucu, de tartaruga, etc.

3.^o Lembrai-vos de que o estomago não foi feito para retorta de fermentações, ou sarcophago, para guardar restos de cada-veres animaes.

4.^o O organismo humano num clima quente, como o do Amazonas, precisa principalmente de muitas frutas e destas as sumarentas. A natureza foi prodiga em fornece-las com abundancia por toda parte.

5.^o Comei frutas boas e sazoadas, é uma prova de sabedoria das regras de bem viver.

6.^o Considerae que a gordura, ou seja a adiposidade de homens e senhoras, resulta do excesso de alimento. Aqueles que comem demais desenvolvem o abdomen, tornam-se rotundos e doentios.

7.^o Quando tomardes o alimento de qualquer das refeições, nunca deveis ficar com o estomago repleto, satisfeito; conserva a impressão de que podereis comer mais um pouco ainda. Esta é a regra hygienica.

8.^o Ficae certo de que quanto mais comerdes, de maior quantidade de alimento precisaes e mais se dilatará o seu estomago.

Associação Brasileira de Educação

UMA PALESTRA DO GENERAL RONDON — NOTAS GEOGRAPHICAS DA FRONTEIRA DO AMAZONAS, ESPECIALMENTE COM A GUYANA BRITANNICA.

Geographia Politica e Physica — O maior Estado da Republica Brasileira, o Amazonas, linda com a Guyana Britannica, Venezuela, Colombia, Perú e Bolivia.

O rio das Amazonas e seu poderoso affluente Madeira, por seus multiplos contribuintes, definem as suas raias com as duas ultimas Nações.

O rio Negro, o mais caudaloso dos seus tributarios, traça as linhas da mesma fronteira com as tres outras pelos seus principaes affluentes: Rio Branco e rio dos Uaupés.

Além destes affluentes principaes do rio Negro, outros de menor vulto existem. Dentre estes o Cauabori e Padaury, que desagüam pela margem esquerda; o Issana e o Xié, pela direita.

As cabeceiras dos dois primeiros balisam a linha da fronteira meridional da Venezuela: as dos outros dois os lindes Sudeste da Colombia.

Rio Branco, só por si, abrange uma linha de fronteira maior que a definida por aquelles outros contribuintes. Seu valle é delimitado no curso inferior do tronco, pelo Caratirimani, affluente da margem esquerda; na parte superior pelos seus dois formadores Uraicoéra e Tacutú.

Estes têm por principaes tributarios os rios Cotin e Maú, que afluem pela margem direita. Aquelle, os rios Uraicapará e Majary, contribuintes da esquerda; Parima e Caricury, da direita.

Os dois primeiros têm origem na grande cordilheira Pacará-imã. Os ultimos na serra Pará-imã.

O Cotin é formado por cabeceiras que brotam das montanhas Rorô-imã e Uei-assipú, extremos orientaes daquelle systema

A grande montanha Rorô-imã é de singular importancia internacional. E' ponto convergente de tres importantes fronteiras: do Brasil, Venezuela e Guyana Britannica.

Sua cumiada está, com pequena differença de nivel, no horizonte orographico

definido pelo pico das Agulhas Negras, no Itatiáia, e pico da Bandeira, no Caparaó.

Sua altitude, determinada no ponto de convergencia das fronteiras, pela Commissão de limites «Commandante Braz de Aguiar», é approximadamente de 2.900 metros.

A inspecção de Fronteiras determinou a de 2.875 metros nas contravertentes das cabeceiras dos rios Cuquenã e Cucuia.

Nódulo geographico interessante, ali, naquella planalto rochoso e naquella altitude, nascem o rio venezuelano Cuquenã, o brasileiro Cotin e o guianense Cucuia. O primeiro contribuinte do rio Carony, bacia do Orinoco; o segundo do Tacutú, bacia do rio Negro; o ultimo, do Mazaroni, bacia do Essequibo.

Geographia botanica — Pela sua altitude e influencia da latitude, Rorô-imã apresenta uma vegetação de montanhas altas, como a do Duida, nas proximidades de Esmeralda no Orinoco; do Hendrik Top, na serra Wilhelmina, na Guiana Neerlandeza.

Sua flora é tropical, de caracter hygrophilico semi-megathermico: alpestre e arbustiva, absolutamente liliputeana.

Existem no platô da originalissima montanha bromeliáceas curiosas, felicineas rarissimas, fectos de toda especie, dentre os quaes a variedade cicaliforme; ciridáceas gigantes, phanerogamos de folhas carnudas e flores brilhantes.

As utriculárias com as plantas carnivoras occupam nos brejos e lagoaes logar de destaque.

Duas unicas arvorezinhas vivem naquella altitude. Ambas não excedem, porém, metro e meio de altura. Uma dellas, do genero Boanesia, tem cerne. Os indios Taurepa chamam-na — Micó. A outra, da familia das Araliáceas, é de lenho arbustivo.

Perenemente envolvidas por grossas nuvens, a eterna humidade alpestre mantém a vida dessas numerosas familias naquella reino dos Botanicos.

Seu clima tropical enquadra-se no diagramma do temperado humido.

Nos tres dias do fim de Outubro de 1929 em que permaneceu naquella ponto de hemispherio Norte a turma da Inspecção de Fronteiras, registámos, de dia, a temperatura maxima de 19° C. e minima de 9° de noite, a de 6°.

Bibliotheca da S. A. P.

Continuação

TITULO DA OBRA	NOME DO AUTOR
<i>Lições de Moral e de Instrução Cívica</i>	Gustavo Barroso e João do Norte
<i>Método Decroly Aplicado a la Escuela (El)</i>	Antonio Balastero
<i>Mil quadras populares brasileiras</i>	Carlos Góes
<i>Momento Literário (O)</i>	João do Rio
<i>Magos e Hístriões</i>	Manuel de Souza Pinto
<i>Morte de Christo</i>	Alberto Pimentel, filho
<i>Método Montessori (El)</i>	M. de Paew
<i>Minha terra e minha gente</i>	Airano Peixoto
<i>Mario</i>	Paulo Tavares
<i>Morte (A)</i>	Maeterlinck
<i>Material do Ensinanza (El)</i>	Vicente Valls
<i>Methodo da Lingua Franceza</i>	Burgain
<i>Memorias do Municipio de Parintins</i>	Antonio C. R. Bittencourt
<i>Museos y exposiciones escolares</i>	José Xandri Pich
<i>Manuel d'Outillage</i>	H. Laugonet
<i>Metodologia do Ensino primario</i>	Artur Carbonell e Migal
<i>Methodo de Pedagogia Scientifica</i>	Maria Montessori
<i>Methodo de analyse lexica e logica</i>	Carlos Góes
<i>Névoa</i>	A. Amaral
<i>No paiz da Arte</i>	Vicente Blasco Ibañez
<i>Noções da vida pratica</i>	Felix Ferreira
<i>Niño y el programa escolar (El)</i>	John Dewey
<i>Na planicie amazonica</i>	Raymunde Moraes
<i>Noções de psychologia applicadas á educação</i>	Dr. Iago Pimentel
<i>Noções de Chimica Geral</i>	João Martins Teixeira
<i>Novissimo Methodo da Lingua Italiana</i>	Um professor
<i>Ocultismo e Theosophia</i>	J. Lourenço de Souza
<i>Œuvres</i>	Boileau

(Continúa).

Geographia zoologica—No reino animal a raridade não é menor. Lá em cima tem seu *habitat* passarinhos rarissimos. Entretanto, apparecem tambem os mais communs dos plumados da planicie do Sul, o Tico-Tico e o Batuirão.

Apanhamos em flagrante excursão, na cabeceira do rio Cucuí, um dos mais vulgares mamíferos carniceiros do Sul, o Coaty-mundéo.

Este batrachiophago visitava as nascentes daquelle rio em incursões venatorias, á caça dos atélopus, sapos minúsculos, que abundam nos brejos do extraordinário planalto.

O raro batrâchio, *Creophynella queichi*, Boni, é de côr de azeviche, pelle rugosa, olhos esbugalhados, patas irregulares de tres dedos, disymetricos e tortos, abdome e papo—açafroados.

Curioso é ter sido encontrado no pico das Agulhas Negras e na Planicie do Maldonado o seu proximo *Brachycéphalus*

ephyppiuni, que vive igualmente na Guiana Franceza.

Geographia geologica—O celebre Monte é um só bloco de arenito metamorphico.

Seu planato visto do alto dá idéa da desordem que ali em épocas remotissimas deixára a convulsão geologica.

Blocos enormes corroidos pelo vento e humidade apresentam-se com formas curiosas de ruínas de castelos, de animaes fantasticos, antediluvianos, de homens gigantes ali phantasmagorisados. Faz-nos lembrar uma das novelas de Conan-Doyle.

Na altitude de 2.000 metros surgem do nivel inferior do desmonte do formidável monumento intrusões de granito.

A muralha que guarnece o lado venezuelano tem a altura de cerca de mil metros.

Nella se pode medir a espessura das diferentes camadas da estratificação arenitica

(Continúa no proximo numero).

Livraria ACADEMICA

J. F. Cocello & C.ª L.ª

AGENCIA das principais revistas nacionais e estrangeiras.

PAPELARIA

Especialidades em cartões postais, figurinos para senhoras, artigos de pintura, livros religiosos e artigos para escritório.

C. Postal, 84—End. Telegr. ACADEMICA

R. Henrique Martins, 25

MANÁOS

Quando V. S.

tiver necessidade de qualquer artigo do ramo de pharmacia e drogaria dirija-se á

DROGARIA UNIVERSAL

onde encontrará STOCK completo e sempre renovado de especialidades pharmaceuticas, productos chimicos, assim como material de laboratorio, apparatus cirurgicos e artigos afins, importados directamente dos principais mercados do mundo, tudo de superior qualidade e a preços reduzidos.

Preparam-se ambulancias para qualquer parte do Estado, aceitando-se em consignação todos os generos de produção regional, especialmente couros, pelles, castanha, copahyba, borracha, etc.

Drogaria UNIVERSAL

DE PAULO LÉVY & Ca.

Caixa Postal. 235 — End. Telegr.: UNIVERS

R. Marechal Deodoro, 33 e 35 - Manáos

Definitiva e final liquidação

Será esphacelada a SECCÃO DE ARTIGOS PARA HOMENS, e por isso é de toda a conveniencia e da maxima utilidade, vital-a, antes de se adquirirem quaesquer objectos deste ramo.

A BEM DOS INTERESSES PROPRIOS preferi os nossos

Chapéos de palha e Massa.

APROVEITAE A OPPORTUNIDADE de comprar as nossas CAMISAS, Camisetas, Cuecas, Pyjamas e Gravatas, tudo de variedades inauditas, porque outra occasião não se proporcionará com tanta facilidade.

COLLARINHOS PELO PREÇO DA CHUVA

Grande sortimento de CASIMIRAS, bellos côrtes para fatos de H. J. verdadeiro.

UM MUNDO DE MIUDEZAS

mais baratas do que em qualquer BAZAR, porque são vendidas por menos do custo.

Grandes pichinchas para revendedores E' definitiva e Real a Liquidação.

AS PECHINCHAS SÃO DO OUTRO PLANETA.

O COLOMBO

com outras NAUS vae procurar outros MARES e novos ARES.

Alguns RECORDS DA VARTA

O grande dirigível *GRAF ZEPPELIN* nos vôos transatlânticos, ao redor do mundo e em viagem para o Brasil. — Os navios-record *BREMEN* e *EUROPA*, detentores de maior velocidade. — O gigante do ar *DO-X* voando com 169 pessoas. — Os grandes recordmen automobilistas. — Os mais competentes radiofilos

USAM somente ACUMULADORES

VARTA

Depositarios exclusivos no Amazonas:—

J. SOARES & Cia.

A firma que, aos MELHORES PREÇOS, mais variado e escolhido stock apresenta, de ferragens em geral e artigos concernentes ao seu ramo.

Especialidade em material para RADIO

Vendedores dos reputados CANDIEIROS á kerozene INCANDESCENTES
Rua dos Barés, 7 a 11 — Rua R. dos Santos, 13 a 23

CAIXA POSTAL. 437 • End. tel. BENTES

ARMAZENS DE FERRAGENS DO MERCADO

LIVRARIA ESCOLAR

DE

Gavinho & Gonçalves

Especialidade em livros didacticos. — Figurinos e Methodos de Musica. — Artigos para Pintura em geral e confecção de flôres. — Recebe sempre as ultimas novidades e vende todos os livros a preço de Catalogo.

Rua Henrique Martins, 27 - B

CAIXA POSTAL, 102

AMAZONAS

Manáos

BRASIL